

O CAVALLEIRO TEUTONICO

OU

A FREIRA DE MARIENBURG

TRAGEDIA EM 5 ACTOS

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA

ESCRIPTA EM 1840.



RIO DE JANEIRO

**Empreza Typ.--Dous de DEZEMBRO--de P. Brito,
Impressor da Casa Imperial.**

1855.

PERSONAGENS.



HUGO, Cavalleiro da Ordem Teutonica.

OLARICO, Pae de Branca.

UM EMISSARIO DO TRIBUNAL SECRETO DE WESTPHALIA.

O ESCUDEIRO DE HUGO.

BRANCA.

A ABADESSA DO MOSTEIRO DE MARIENBURG.

BERTHA, Religiosa do mesmo.

Religiosas, que não fallam, e Emissarios do Tribunal Secreto.



A acção é no seculo XIV, quando Jagellão, ou Uladislão 5.^o, reinava na Polonia.

Os tres primeiros actos passam-se no Mosteiro de Marienburg na Prussia; os dous ultimos em um Castello nos suburbios da mesma cidade.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Vista de uma grande sala no interior do Mosteiro; ha nelle todos os vestigios de festividade, que termina. Ao levantar do panno faltam vinte minutos, pouco mais ou menos, para as tres horas da tarde.

BRANCA, *(chorando)* E BERTHA.

BERTHA.

Minha filha, até quando esse teu pranto?

BRANCA.

Até que eu morra.

BERTHA.

Desditosa Branca,
E, si alongar o céu tua existencia,
Sempre em pranto a-terás, amarga sempre?!

BRANCA.

E que mais fazer pôde a desditosa,
Cujas dôres curar só cabe ao tumulo?!
Ah! si medir podesses neste instante
Toda a vasta extensão de minhas pennas...
Tu...

BERTHA.

Falla.

BRANCA.

Tem piedade de meus males...

BERTHA *(pondo a mão sobre o peito)*.

Aqui palpita um coração sensível!
Minha filha, a clausura, este retiro
Jámais meus sentimentos embotaram.
Teu rosto achou propicia no meu peito
Suave sympathia, e tuas lagrimas
Sincera compaixão movem-me n'alma.
Esta, que te-foi dada p'ra amestrar-te
Em teus santos deveres neste asylo,
Não tem, amiga, um coração de ferro
Insensível aos ais, rígido ás lagrimas.
Assim, prova comigo neste claustro
Innocentes prazeres d'amizade.

Eu não posso supprir quanto has perdido,
 O mundo e seus encantos, que prezavas :
 Mas tens em mim, fiel á toda a prova,
 Uma amiga ; é n'um claustro um dom supremo!
 Abre-me pois teu peito angustiado,
 E no meu deposita as tuas dôres.

BRANCA.

E de que val abrir ante tua alma
 Um triste coração, que já nem vive? . .

BERTHA.

De chamal-o outra vez de novo á vida,
 Si não feliz, ao menos mais tranquillã;
 Só a santa amizade póde tanto!
 Branca, és inda mui joven : tu não sabes
 Quanto vale a amizade fina, e pura,
 No meio do infortunio ; é a bonança
 Após de tempestade, ou praia aberta
 Onde o naufrago afflicto a vida encontra.
 Com quanto sejas sempre desditosa,
 Comtudo ser feliz, Branca, tu podes;
 Que encontras neste asylo uma alma terna,
 Que te-quer, que te-preza . . . um dom bem raro
 Sempre em communidades! Na clausura
 Uma sincera amiga é uma estrella
 Sobre o céu de uma noute borrascosa ;
 Ah! quando aqui o acaso nos depara
 C'uma amizade, seus sinceros laços
 Se extremam mais e mais neste retiro :
 E pois, na solidão ella é mais pura,
 Mais sublimes seus fins, e até mais santos.
 As humanas paixões não damnificam
 Seus supremos affectos innocentes,
 Nem as chammãs de amor queimam seus laços. . .

BRANCA.

Ah!

BERTHA.

Tu suspiras! . . .

BRANCA.

Desgraçada Branca!

BERTHA.

Desgraçada! Eu tambem sou desgraçada!
 E onde os corações mais se-harmonisam
 No meio da desgraça. E' nesses lances
 Que os infelizes uniformes sentem!
 Gostam de conformar os seus suspiros,
 Confundir seus gemidos dolorosos,
 E misturar seus ais. E' a desgraça
 Que mais nos aproxima sobre a terra,
 E que nos torna eguaes. Para dous peitos
 Que desgraçados são, não ha segredos;
 Inteira confiança os-reanima,
 E os-identifica a magoa d'ambos:
 És desgraçada pois?.. mais inda te-amo.

BRANCA.

Como, Bertha! tambem és desgraçada!

BERTHA.

Talvez mais do que tu...

BRANCA.

Não é possível.

BERTHA.

Qual é tua desgraça?

BRANCA.

Bertha, eu amo,

Eu amo, e peno; desespéro, e morro!...

BERTHA.

Donzella, já compre'ndo os teus tormentos;
 E's de um capricho paternal a victima.

BRANCA.

Si entre os encantos de um risonho mundo,
 Em um sonho de amor, toda acordada,
 Sonhasses co'um mancebo amante e bello,
 Amante, como uma alma pura, e virgem,
 Que ama a primeira vez; bello, e tão bello,

Como esse mesmo amor ; si nesse sonho
 O-visses a teus pés todo rendido,
 Com os olhos nadando em mar de amores,
 Tocar com mão de fogo a tua tremula,
 E chamar-te seu bem ; chamar-te anjo,
 E nessa mão depor-te enternecido
 Beijos d'alma, ou de amor, beijos de fogo,
 Jurar-te a fé mais terna, a fé mais pura ;
 Si de um capricho paternal tu victima,
 Por odios, preconceitos de familias,
 Te-arrancassem do mundo cruelmente,
 Do mundo, que tão grato te-antolhava
 Um futuro brilhante, e afortunado ;
 Do mundo á que ligáras com tua alma
 Teu bem, tua esperança e teu futuro,
 A tua vida emfim ; e te-arrojassem
 Para os pés do altar, d'encontro ao tumulo,
 Onde sentisses no medonho embate
 Teu coração sensível estalar-se,
 Esse, que por amor só palpitava . . .
 E aos pés então do altar, junto do tumulo
 Morrer tua esperança e teus amores . . .
 Findar-te a vida p'ra o mortal amavel
 Por quem morrer quizeras amorosa . . .
 Bertha, fôras feliz? . . viveras inda ?

BERTHA.

Não feliz ; mas vivera, que da vida
 Privar-me não devia . Choras, Branca,
 Um bem, que te-adorava, e que has perdido . . .
 E que te-resta já sinão buscares
 Junto a Deos um consolo ás tuas penas! . .

BRANCA.

Vivêras, sim ; porque tu não deixaste
 No mundo um doce objecto idolatrado,
 For quem teu coração se-interessasse ;
 Que amasse a gloria p'ra adornar teu nome,
 Que te-fizesse amar o mundo, e a vida,
 Vida a mais doce, que viver se-póde.

BERTHA.

Te-illude a tua dôr, muito te-illude!
 Suppões, Branca, que bate neste peito
 Um frio coração sem sentimentos,
 Onde o facho de amor tentasse embalde
 Atear sua chamma inextinguivel?
 Suppões esta velhice prematura
 Os estragos do tempo, os tristes males
 Deixados pela idade tragadora?
 Não, minha filha, não: antes de tempo
 Os meus cabellos se-tornaram brancos:
 Muito cedo meus olhos se-encovaram,
 E rugoso tornou-se o meu semblante!
 Não foi a mão do tempo, que murchára
 As rosas de meu rosto; já fui bella,
 E o pranto derrotou minha belleza;
 Estes olhos quebrados, estas rugas
 São vestigios das lagrimas amargas,
 Em vão dadas á amor. . . Bertha, que has dito? . . .
 Insensata, que vás com mão incauta
 Toçar tu propria na profunda chaga,
 Que abrira no teu peito a crueldade!
 Tu choras, e te-crês só desgraçada. . .
 Nós somos companheiras no infortunio,
 E aqui nos-reune um cégo acaso.

BRANCA.

Tambem tu és de um pae vietima triste?
 Bertha, tambem amaste? Mas tu choras!
 Dos braços de um amante a este abysmo
 Despenhou-te tambem um pae injusto?

BERTHA.

E como são eguaes nossos destinos!

BRANCA.

Amavas um mancebo, que anhelava
 Ligar-se a ti p'ra sempre?

BERTHA.

Para sempre.

BRANCA.

Era bello?

BERTHA.

Tão bello, como um anjo!

BRANCA.

Te amava muito, Bertha?

BERTHA.

Como ama

A flôr do prado ao matutino orvalho,
 E como o pass'ro ama á luz d'aurora!
 Ah! mais ainda, Branca, mais ainda :
 Como o primeiro homem no eden puro
 Á primeira mulher sómente amára!
 Eu amava, era amada, era ditosa ;
 Um risonho futuro me-esperava ;
 E após deste amor, desta esperança,
 O claustro, esta mortalha, e logo a morte . . .
 Pesa, contempla bem quanto hei perdido,
 E vê si Bertha é mais feliz que Branca !

BRANCA.

Oh caprichos! oh paes desnaturados!

BERTHA.

Não é pois a mulher feliz no mundo?
 Rainhas dos humanos, ternos peitos ;
 Dos homens o respeito, o amor, os cultos,
 São das mulheres! Gratas divindades,
 Escravas da ambição, e do capricho!

BRANCA.

Que irrisão!

BERTHA.

E soffrer é quanto resta.

Perdoa-me, meu Deos, si hei te-offendido :
 Torna ao meu coração, e fortalece
 Tua esposa, Senhor ; Senhor, perdoa.

BRANCA.

Bertha ainda és feliz ; pois o teu rosto
 Tem de uma alma tranquilla os signaes todos.

BERTHA.

O tempo, minha filha, tudo póde ;
 E a esposa do Senhor junto aos altares
 Roga ao celeste esposo, noute, e dia,
 A paz de uma alma pura, alma innocente.
 Branca, segue de Bertha o santo exemplo,
 Ao Esposo celeste só te-entrega,
 Nelle confia só, e delle espera
 O remedio, e a paz para tua alma.

BRANCA.

A paz para minha alma ! oh ! si eu podesse . . .

BERTHA.

Quasi tres horas são. Tardar não póde
 Teu pae ; cheio de amor a vez extrema
 Abraçar sua filha vêm no claustro ;
 Vêm recolher no peito os seus suspiros,
 E seu pranto enchugar com mão piedosa.

BRANCA.

Bertha, quem ? quem causou minhas desditas ?

BERTHA.

Branca, sempre ó teu pae . . . o amor paterno
 Bem que as vezes se-engane em alguns pontos,
 Com tudo, não se-muda, não se-acaba !
 Só por engano um pae faz mal a um filho,
 Pois só para seu bem trabalha sempre . . . *(olhando para dentro)*
 Eis a Abbadessa ahi vêm . . . teu pae com ella :
 Enhuga o pranto teu, disfarça as penas,
 Serena o rosto, e mostra-te tranquilla.

SCENA II.

AS MESMAS, A ABRADISSA, SEGUIDA DE RELIGIOSAS,

E OLARICO.

ABBADISSA Á OLARICO.

Podeis entrar, senhor. Eis vossa filha :
 Acabou de trocar, ha poucas horas,
 Falsos, mudanos bens, por bens celestes :
 E as profanas pompas illusorias

Pelo candido véo das virgens santas.
 Neste asylo da paz, e das virtudes,
 Longe do mundo, de seus loucos erros,
 As virgens, que ao Senhor se-consagraram
 Veem esquecer aos pés destes altares
 O mundo para sempre, e seus enganosa!
 A nova esposa do Senhor em breve (*apontado para*
(Hoje mais venturosa que as rainhas!) *Branca*)
 Hade esquecer-se, neste santo asylo
 Do mundo, e das saudades, que lhe-causa.
 Vossa filha, Senhor, será ditosa;
 Por meus labios o céo assim vos-falla.

OLARICO.

Suprema virgem, do Senhor eleita,
 Este penhor tão caro p'ra minha alma,
 Querida filha, prenda de meus olhos,
 Só por amor do céo hoje aos altares
 A venho consagrar. Eu vos-conjuro
 Que sejaes sua terna protectora
 Neste asylo sagrado.

ABBADESSA.

Vossa filha
 Minha filha será d'hoje em diante.

OLARICO.

Graças vos-rendo mil. Mas, perdoae-me;
 Eu quizera ficar um só momento
 Com minha filha . . . si possivel fosse . . .

ABBADESSA.

E' concedido a um pae tal privilegio
 No memoravel dia, e tão solemne
 Em que aos altares sua filha entrega.
 Podeis ficar, Senhor, com vossa filha;
 E vós, donzellas santas, vinde todas.

SCENA III.

OLARICO E BRANCA.

OLARICO (*querendo abraçat-a*).
 Minha filha querida . . . minha Branca.

BRANCA (*fujindo delle*).

Ah! Senhor...

OLARICO.

Que!.. recusas os meus braços!

BRANCA.

Delles tu mee-xpelliste... tu primeiro...
 Em teus braços de pae busquei piedade,
 E não achei piedade nos teus braços...
 Sem pena, sem amor, e sem ternura,
 Meu pae neste sepulcro me-despenha!
 Eu ao seu coração era pesada,
 E meu pae se-livrou do peso enorme.
 Exulta pois, Senhor... Senhor, stás livre...
 Que mais queres? a filha já não vive.
 E choras? quem, Senhor, te ha-constranjido
 A encerrar tua filha entre estes muros?
 Meu pae cruel lançou-me neste abysmo,
 Causa meus males, chora, e me-lastíma!

OLARICO.

Minha filha...

BRANCA.

Meu pae si me-quizesse

Me-faria feliz; melhor, mais terno
 Fôra com sua filha desgraçada!
 Cégo ao meu pranto, surdo aos meus gemidos,
 Meu pae meu coração despedaçára;
 De rastos me-levou té aos altares;
 Amortalhou-me em vida sem piedade,
 E no tumulto de um claustro despenhou-me!
 Meu pae não foi meu pae, foi meu tyranno!...

OLARICO.

Minha filha, não chores; minha Branca...

BRANCA.

Não chorar! Ah! meu pae inda entre os vivos
 Lança aos reinos da morte um rouco grito,

E sua filha d'entre os mortos chama,
 Quando a infeliz tornar não póde á vida!
 Senhor, assassinaste a tua filha
 Com o ferreo punhal do teu capricho!
 Ah! não perturbes da infeliz as cinzas;
 Deixa em paz sua sombra melancolica,
 E vive tu, Senhor; vive, pois achas
 A vida doce, a vida apreciavel...
 Vive, esquece p'ra sempre a triste filha,
 Que humilde o teu perdão dos céos implora.

OLARICO.

Basta, basta: o teu pranto é minha pena.

BRANCA.

Baldada pena já! Meu pae, é tarde
 Que o amor filial falla em tua alma!
 A's leis da natureza meu pae surdo
 Dá-me a morte, e me-chama sua filha!..
 Tu fizeste, Senhor, minha desgraça,
 Formaste de meus olhos duas fontes
 De meu perenne, de meu triste pranto!
 Sou a mais desgraçada entre as mulheres!
 E aqui neste horror, neste retiro,
 Heide vêr definharem-se meus dias,
 Murchar minha belleza entre gemidos,
 E minha mocidade entre os meus prantos!
 Nesta existencia horrivel, neste asylo
 Da penitencia só, e só da morte,
 Devo a morte aguardar, morrendo sempre!
 E foste tu, meu pae, quem reduziu-me
 A tão funesto estado! Que impiedade!
 E porque crimes? por amar a Hugo...
 Quizera não te-amar; porém não posso...

OLARICO.

Basta; meu coração mais não retalhes.
 Eu julguei te-salvar de mil desgraças;
 Julguei aqui fazer tua ventura,
 E fiz tua desdita. Eu sou um barbaro!

Me-accusa, tens razão; eu só mereço
 Tuas exprobações, rancor, e odio!
 Filha, pragueja um pae tão desditoso. . .
 E p'ra sempre. . . (*acção de partir*).

BRANCA (*lançando-lhe-se aos pés*).

Meu pae, perdão! piedade!
 Ah! meu pae! não me-odeies, não me-negues
 Os teus braços, Senhor. Foi meu delirio,
 E não meu coração que te-offendera.
 Deixa-me lastimar; sê tu ditoso,
 Embora eu desgraçada sempre seja!
 Sou tua filha, e inda desgraçada,
 Eu sempre te-respeito, e sempre te-amo.

OLARICO (*erguendo-a e abraçando-a*).

Minha filha. . .

BRANCA.

Meu pae. . . meu pae, perdoa,
 Si as queixas de uma filha desgraçada
 Teu coração encheram de amargura!
 Esquece, esquece tudo quanto hei dito;
 Deixa que Branca chore, e não te-importe
 As queixas da infeliz. Senhor, perdoa,
 Si ao teu coração chegou meu pranto.

OLARICO.

Filha, choras o mundo, que perdeste
 Pelo asylo de paz, que ora ganhaste?
 Não sabes quanto ganhas, quanto perdes!
 Esposa do Senhor, nestes lugares
 Encontrarás os dias de ventura,
 Que o mundo em si não tem, que dar não póde,
 Aqui, castos amores, sempre santos
 Tens no Esposo celeste, e o Desposado
 Com tantas virgens, e formosas todas,
 A todas é fiel, e a todas ama!
 E ellas, sempre amantes, como émulas,
 Disputam entre si qual mais agrade,

Pelas virtudes, ao celeste Esposo !
 Rivaes, que são irmãs, que se-amam ternas,
 Só pódem ter nos céos os seus amores!
 Aqui, do amor do Esposo, minha filha,
 Não vês desconfiada a esposa santa;
 Aqui ciume atroz não envenena
 Prazeres de um amor puro, e celeste;
 Aqui, aos pés do altar a paz sorri-se,
 Brilha a virtude junto á f'licidade,
 E orna das filhas do Senhor os labios
 De angelica ventura almo sorriso. . .

BRANCA (*á parte*).

Ventura! . . almo sorriso! . .

OLARICO.

Minha filha,

Aqui, da terna amante impios ciumes,
 As pesadas fadigas da consorte,
 Os cuidados da mãe, seus ternos sustos,
 As lidas da familia, os seus trabalhos,
 Quantas tribulações, quantos desgostos,
 Encerra a vida no seu triste curso,
 Jámais penetram este santo asylo.
 Aqui, ou seja dia, ou seja noute,
 Existe sempre a paz, sempre o socego,
 Sempre é tranquillo o somno, sempre é doce.
 Os cuidados do dia aqui são santos,
 E celestes da noute os aureos sonhos. . .

BRANCA.

Mas Deos não me-elegeu p'ra sua esposa ;
 São puros corações, que Deos exige ;
 E eu, Senhor, amava, eu tinha dado
 Meu coração a outrem muito antes.
 Não tinha vocação para a clausura ;
 Era meu coração votado ao mundo.

OLARICO.

Votaste o coração, ó minha filha,

Ao mundo, porque o mundo não conheces !
 Amas o mundo, fôco pavoroso
 De vícios, de desordens, e de crimes !
 Libertinagem ímpia ha só no mundo !
 A heresia negreja em toda a parte !
 A negra hypocrisia a tudo infesta !
 Os dogmas da fé são insultados !
 O culto profanado a todo o instante !
 No mundo, da virtude se-escarnece !
 No mundo, se-elogia o torpe vicio !
 Da Religião se-mofa impunemente !
 A lei se-calca aos pés, se-offende a honra !
 Occulta o vicio a capa da virtude !
 A innocencia succumbe, o crime exulta !

BRANCA.

Esse mundo tão máo, tão negro e feio,
 Tu amaste, Senhor, e amas ainda ! . .
 Desse medonho inferno não fujiste,
 Não o-trocaste pois pela clausura . . .
 A clausura p'ra ti não teve encantos,
 E n'um mundo tão máo, Senhor, tu vives ! . .

OLARICO.

No mundo outros deveres me-ligavam . . .
 Demais, amas o mundo, porque nelle
 Crês que existe um mortal por ti amado . . .
 Esse joven porém . . . Ah ! minha filha . . .

BRANCA.

Falla . . . falla, Senhor . . .

OLARICO.

Sim . . . Hugo . . .

BRANCA.

Eu tremo ! . .

OLARICO.

Hugo já é...

BRANCA.

Senhor...

OLARICO.

Hugo não vive.

BRANCA (*gelada de dôr*).

Ah f..

OLARICO.

Minha filha, louva a Providencia!.

BRANCA (*com pranto, e entre soluços*).

Morto... morto n'um campo de batalha! . .
 Talvez que o seu suspiro derradeiro
 Fosse o nome de Branca!... Oh desgraçado!
 Talvez que nesse transe angustiado
 Abraçar uma sombra procurasse! . .
 E ella... a triste amada era tão longe!

OLARICO.

Teu pranto offende o céu.

BRANCA.

Meu pae, perdoa...

OLARICO.

Como um heróe christão findou seus dias;
 A sua morte apasigou meu odio.

BRANCA.

Senhor... e Hugo na verdade é morto?

OLARICO.

Sim; coberto de louros, e de gloria

Nos campos da sangrenta Lithuania,
Fiel á Religião, fiel á Ordem,
Deu pela Santa Fé o sangue e a vida!
Deve isto consolar-te, ó minha filha,
Que ao menos nesse mundo, que deixaste
Já não vive o mortal, que tanto amavas.

BRANCA (*resignada*).

Sim... como elle não vive, agora toda
Quero entregar-me a Deos. Ante os altares
Orarei noute e dia por sua alma,
Por elle ao céo mandando os meus suffragios.
Aqui devotamente neste claustro
Esperarei o instante em que com elle
Me-vá p'ra sempre unir na eternidade!

(*Dã tres horas, e immediatamente começa o sino do
Mosteiro a tocar, chamando as religiosas á oração*).

SCENA IV.

OS MESMOS E BERTHA.

BERTHA (*á Branca*).

São horas da oração. Senhor, perdoá. (*á Olarico*).

SCENA V.

OLARICO E BRANCA.

OLARICO.

Vae, minha filha, vae: ao céo implora
A paz de que tua alma necessita.
Sê feliz, minha filha: eu te-abençoô.

SCENA VI.

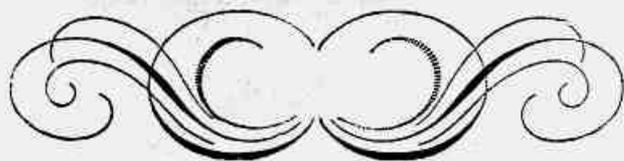
BRANCA (*só*).

BRANCA (*cahindo de joelhos*).

Meu Deos... meu Deos, perdoa-me estas lagrimas
Sahidas de meu peito amargurado!

Já teu triste rival, Senhor, não vive ;
Mas dá que ao menos pranteal-o eu possa (*levanta-se*)
Amava Deos nos céos, Hugo na terra... (*arroubada*)
E hoje... ambos nos céos minha alma adora !

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

Vista do locutorio do mosteiro. O Escudeiro de Hugo vêm vindo da grade para a bocca do theatro. O intervallo do primeiro, ao segundo acto, foi de duas horas e quarenta minutos pouco mais ou menos: faltam pois vinte minutos para seis horas ao levantar do panno, no segundo acto.

ESCUDEIRO *(só)*.

Já vae adiantada, e muito, a tarde ;
São mais de cinco e meia. A's seis, meu amo
Aqui se-deve achar : parto a buscal-o,
E para que não falte prevenil-o.
No entanto ou não comprehendo o quanto hei visto,
Ou Branca suffocando o amor antigo
Faltou, para com Hugo, a fé jurada.
Seja emfim, como fôr ; convêm primeiro
O tempo não perder. Busquemos Hugo.
(acção de partir).

SCENA II.

HUGO E O ESCUDEIRO.

HUGO *(como preoccupado)*.

Cancei de te-esperar. . .

ESCUDEIRO.

Neste momento

E' que alcançar uma resposta pude.

HUGO.

Fallaste a Branca pois ?

ESCUDEIRO.

Foi-me impossivel.

Nem pude ao menos vê-la.

HUGO.

Si eu a viesse,
Conto de certo que fallára a Branca.

ESCUDEIRO.

Como, senhor?! Pedi á irmã porteira
Que, por muito favor, dicesse a Branca
Que lhe-queria alguém fallar á grade.
Ella me-respondou que era impossivel,
Porque estavam na resa do costume,
E que ás seis horas só, á esta grade
Branca podia vir; que a essa hora
Com ella fallaria.

HUGO.

E nada sabes
Sobre a entrada de Branca neste claustro?

ESCUDEIRO.

Não, senhor, nada sei.

HUGO.

E nem ao menos
Si acaso professou?

ESCUDEIRO.

Tudo inda ignoro.

HUGO.

Porque não perguntaste á irmã porteira?

ESCUDEIRO.

Porque me não deu tempo: e...

HUGO.

A's seis horas?

ESCUDEIRO.

Pouco antes, ou depois.

HUGO.

A propria Branca?

ESCUDEIRO.

Assim me-prometteu a irmã porteira.

HUGO (*consigo mesmo*).

Mas Branca faltaria a fé jurada !
 Branca neste mosteiro . . . que motivo ?
 Antes de me-partir para Polonia,
 Os mais solemnes e supremos votos
 Os nossos corações trocado haviam .
 Juramentos de amor, a fé mais pura,
 O céo tinha escutado, inda em despeito
 D'antiga inimizade, que lavrava
 Entre a minha familia, e a de Olarico. (*pausa*)
 Mas Branca me-trahir? ella perjura! . .
 Oh! não . . . mil vezes não : fôra impossivel.
 Longe idéa de horror, funesta idéa !
 Melhor obra de um Deos, os anjos bellos,
 Nelles não mente a fé do Paraíso !
 Não, minha doce Branca, não te-creio
 Infiel á teus votos . . . eu t'o-juro !
 Deos nesse rosto teu, Deos em teu peito,
 Em teu peito, em teu rosto um Deos adoro !
 E, si não mente um Deos, mentir não podes (*pausa*)
 Mas esta extravagancia, que me-afflije!.. (*pensativo*)

ESCUDEIRO.

Nunca, senhor, vos-vi tão melancolico . . .

HUGO.

Nada em Marienburg tens inda ouvido
 A respeito de Branca até agora ?

ESCUDEIRO.

De nada sei, senhor. Mas 'staes tão triste . . .
 Estaes tão pensativo ! Certamente
 Nunca vos-vi assim . . . pois que succede ?

HUGO.

E' uma extravagancia, que me-occupa.

ESCUDEIRO.

E' uma extravagancia?! Na verdade
 Já isso é por demais extravagante!
 Então que extravagancia?

HUGO.

Um sonho.

ESCUDEIRO.

Um sonho!

HUGO.

Bem sei que com razão tu te-admiras.
 Eis o que somos nesta infausta vida!
 Meninos sempre vãos, e sempre incertos,
 Temendo em sombras, porque nada vemos,
 Temendo a noite, porque ali supponmos
 Potentes inimigos, que creára
 Em nosso espirito a educação, o medo.
 Vemos lá nas fileiras inimigas
 Entre as lanças a morte negreando...
 Um instante si quer não hesitamos,
 Não tememos por nós: e arrebatados
 A's hostes nos lançamos, onde póde
 Em um momento nos-colher a morte,
 E não descora o medo as nossas faces;
 Ninguém nos-vê tremer, nada tememos.
 Entre amigos porém, na casa nossa,
 Sem um só inimigo em frente termos
 Um sonho nos-occupa, e nos-opprime.
 Accordados, bem vemos que era um sonho,
 E trememos de um sonho!.. vãs imagens,
 Que nossa fatigada phantasia
 Nos-finjiu no remanso d'alta noite.
 Covardes que nós somos, subjeitando
 O nosso esp'rito á rudes prejuizos!

ESCUDEIRO.

Ah! nem tanto, senhor. Sabei que os sonhos
 Não são vagas imagens sem destino.

Sendo eu moço, um judeu muito sabido
 Me-deu explicações de varios sonhos.
 Fez mais ; era bom homem, que ensinou-me
 De conhecer os sonhos a sciencia.
 Elle pois me-dizia muitas vezes
 Que o ar de creaturas era cheio,
 E que por sua pura natureza
 Os futuros destinos conheciam
 Deste vasto universo; e que beneficos
 Aos homens avisavam de continuo,
 Ou na terra prophetas inspirando,
 Que aos homens de seus males avisassem ;
 Ou fazendo brilhar signaes celestes,
 Ou per meio dos sonhos : nestes sonhos
 Debaixo de figuras mysteriosas
 Escondem a verdade a nossos olhos.
 Deos nos-deu a razão ; dever é nosso
 Procurar com a razão estas verdades.
 Não sabeis vós dos sonhos da Escriptura ?
 Eram verdades, que nos sonhos vinham
 Envoltas em figuras de mysterios.
 Os sonhos pois de Deos são mensageiros,
 São os anjos, que a nós vêem conduzil-os :
 E Deos não mente, os anjos não enganam.

HUGO.

Mas eu é que não creio em tal sciencia.

ESCUDEIRO.

Essa incredulidade é propria aos moços.
 Não importa, senhor ; mas eu vos-peço :
 Dizei-me o vosso sonho, que em dizel-o
 Vós nada perdereis. Eu entretanto
 Verei si o-entendo, si explical-o posso.

HUGO.

Sonhei pois que voltei da Lithuania,
 E que em Marienburg alegre entrava :
 Ao entrar, negrejava em toda a parte

Um céo tempestuoso, um céo medonho,
De bronzeas, densas nuvens carregado. . .

ESCUDEIRO.

Signal de contratempo em vossa vida.

HUGO.

Chego enfim, e me-hospedo n'um castello
Vasto, e sumptuoso; mas ha tempos
Ermo, e de seus senhores esquecido. . .

ESCUDEIRO (*á parte*).

E' signal de mistria, e desamparo!

HUGO.

Estatuas gigantescas de guerreiros
Todas, sem excepção, de negro marmore
A' milheiros o pateo guarneçiam. . .

ESCUDEIRO (*á parte*).

Oh! isso é funeral!

HUGO.

Triste, e dormente,

Vagaroso ao volver pesadas vagas,
Quasi lambendo do castello a base,
Môrno rio rolava as tardas ondas
Per entre seixos, e enormes penhas.

ESCUDEIRO (*á parte*).

E' contrariedade!

HUGO.

E após, n'um bosque
Terrível, assombroso, impenetravel,
Per entre immensos, seculares troncos,
Cujas copas formavam densa noute,
Quasi gelado, quasi amortecido,
Se-ia o rio occultar. . .

ESCUDEIRO (*á parte*).

Signal de fuga!

HUGO.

Alli se-abria então profundo abysmo
 Aonde n'uma quéda estrepitosa
 Precipitava o rio as aguas suas...

ESCUDEIRO (*á parte*).

Signal de sepultura!..

HUGO.

A lua cheia,
 Toda inflammada, como ferro em brasas,
 Reflectida nas ondas deste rio,
 Tão mórno, tão tardio, tão dormente,
 A' todo elle uma côr sanguinea dava...

ESCUDEIRO (*á parte*).

Signal de sangue!

HUGO:

Então, como uma nuvem,
 Um enxame a grasnar de negros corvos
 Entorno do castello esvoaçava...

ESCUDEIRO (*á parte*).

Isso é signal de morte!

HUGO.

Em leves azas,
 Veloz, sostida borboleta incerta.
 De côres variada ao jardim vôa...

ESCUDEIRO (*á parte*).

E' signal de loucura!

HUGO.

Afadigada
 Per toda a parte adeja, e não encontra
 Flôr em que pouse, porque as flôres todas
 Murchas, vergando as fronte para terra
 Iam nella depôr mirradas fronte...

ESCUDEIRO (*á parte*).

E' signal que alguem moço morrer deve!

HUGO.

Despedaçado o céo, rôto em cem partes,
 Em torno de um loureiro moço, e bello,
 E cheio de esperanças, dardejava
 Mil settas abrasadas, cujas chammas
 Deixavam pelos céos accesos sulcos!
 Ao um som desconhecido, impetuosa
 Setta ardente abrasou todo o loureiro,
 E fende a terra, que fumega, e treme!
 Da medonha caverna eis se-levanta
 Fêro gigante armado de armas negras:
 Falla em tom sepulchral, com voz pesada,
 E diz:— De longe venho, estou cansado:
 Tenho sêde; não quero agua, nem vinho...
 Só leite extinguir pôde a sêde minha!

ESCUDEIRO (*á parte*).

O phantasma feroz pedia sangue!

HUGO.

Volvo todo o Castello, embalje busco
 Uma sahida, porque as portas todas
 'Stavam por ferreas grades impedidas;
 E todas estas grades eram feitas
 De punhaes, e de lanças, e de espadas!
 Per entre ellas ao pateo a vista lanço...
 Todas essas estatuas se-animavam,
 Tirando das bainhas as espadas,
 E me-fitando uns olhos flammejantes.
 Timida, receiosa, e fugitiva,
 Voava em torno á mim branca pombinha:
 Desconhecida mão de purpurea a-veste.

ESCUDEIRO (*á parte*).

E' signal de uma victima innocente!

HUGO.

Some-se ella; eu a-busco: e então me-accordo.

ESCUDEIRO.

Vosso sonho é funesto certamente. . .
Tende pois conta em vós, que o vosso sonho
Indica que em perigo estaes, e grande.

HUGO.

Amigo, eu só a Deos temo, e adoro;
Pelo mais minha espada é que responde.
Todavia, te-apressa, que eu não tardo,
Tem promptos meus cavallos, minhas armas.

ESCUDEIRO.

Sem demora, senhor: parto ligeiro.

SCENA III.

HUGO (só).

Esperar me-é preciso alguns momentos,
Até que chegue a hora promettida. . .
Alguem vêm. . . Maldição! E' Olarico.

SCENA IV.

HUGO E OLARICO.

OLARICO (com agitação).

Hugo aqui!

HUGO.

De que pasmas? Por ventura
Não estás tambem aqui?

OLARICO.

Sim; de que um bravo;
Um guerreiro, um heróe, deixasse o campo
De batalha, onde o tartaro idólatra,
Faz ao culto christão guerra de morte;
Para ser encontrado em um mosteiro,

Que inimigos não tem; si almas piedosas
Inimigos não são... Oh! não te-affronto...

HUGO.

Nem podes affrontar-mê. Certo tenho
Medido as minhas armas corpo a corpo
Nos mais tremendos, arriscados lances.

OLARICO (*com ironia*).

Como tu, qual no mundo outro guerreiro?
Na lista dos heróes grande é teu nome!

HUGO.

Si queres tu saber qual é meu nome
Dos proprios inimigos saber podes...
Mas não; não sou guerreiro, hei me-illudido...
É guerreiro, e heróe sómente aquelle
Que nunca voltou cara aos inimigos... (*com ironia*)
Bem sabes de quem fallo... Oh! não te-affronto.

OLARICO (*pondo a mão na espada*).

Hugo!..

HUGO (*com desprezo*).

Nem de um duello eu dou-te a honra...
Pois não me-é gloria triumphar de um velho
Que outras guerras não viu além das Justas.
E leva a mão á espada em desafio!
Quem nunca uma só vez, n'um só Torneio
Uma lança quebrou, póde sincero
Sua luva lançar á um cavalleiro?
Do que tens sempre sido ou tu te-esqueces,
Ou te-esqueces de mim neste momento.
Entre nós longo espaço nos-separa;
Mede-o, si podes: vê quanta distancia
Vae do forte guerreiro ao fraco nobre!
Com um velhó, e covarde eu me não bato.

OLARICO.

Velho, como me-vez, dobrado aos annos,

Não me-pesa medir contigo as armas. . .
 Honra grande eu te-fiz, bem m'-a-pagaste,
 Medir querendo minha illustre espada
 Com a espada servil de um vão soldado.
 Porém á meu sabor hei de vingar-me. (*á parte*).

HUGO.

Como ousas, Olarico, tão soberbo
 Blasonar de nobreza balda em feitos?
 Queres que neste instante em longa serie
 Te-lance em rosto as gentilezas tuas?
 Tu, que de teus maiores enxovalhas
 Nomes tão grandes, respeitaveis titulos,
 Fazendo negrejar acções infames
 Sobre o vasto esplendor da gloria delles?
 Vae; os avitos nomes não insultes;
 Guarda os brasões dos teus, toma outras armas;
 Sobre o seu epitaphio um véo estende;
 Não profanes sepulchros tão illustres,
 Ou não uses tal nome, ou muda o delles.
 Vê pois si me-honro em me-bater contigo?
 Nobre, que nas acções nunca foi nobre
 Abaixo fica do villão mais baixo.
 A primeira nobreza é a virtude,
 Quem virtudes não tem, não tem nobreza.
 Acaso por teus nobres ascendentes
 És mais nobre do que eu? Eu não careço
 Nomes de meus maiores p'ra illustrar-me.
 Por mim proprio o meu nome eu tenho feito,
 E por minhas acções muito o-illustrado:
 Não, de nobreza herdada não preciso;
 Não carece de avós quem ama a gloria!

OLARICO.

De que feitos blasonas? de que glorias?
 Procurar, agradando ao sexo amavel,
 Donzellas seduzir? Taes são teus feitos;
 Outros de ti não sei. . .

HUGO.

Muito te-entendo . . .

Tocaste na profunda, antiga chaga,
 Que te-magôa : mas quando sincero,
 Os dons de tua filha em mim acharam
 Um extremoso amante, si meus labios
 Fizeram confissão tão amorosa,
 Nunca as leis da decencia transgrediram.
 Branca grata me-foi. Amante, e amado,
 Sem de vil seducção infame emprego,
 Fui. Fôra ella feliz, feliz eu fôra,
 Si um rival tu me-dado não tivesses . . .
 Ir-me para Polónia foi preciso,
 Meu amor, meu rival aqui ficaram,
 Um sem vingança, e outro sem castigo !
 Mas de volta eis-me aqui . . . aqui me-aguardam
 Branca, que adoro, e Jacques, que aborreço . . .
 P'ra este trago um vingativo peito,
 E para aquella um coração amante.

OLARICO.

Eu sinto os teus empenhos vêr baldados;
 Jacques na eternidade ha muito existe;
 E Branca neste instante já não vive . . .

HUGO.

Que perfidia ! (*á parte*). Pois Jacques já não vive ?

OLARICO.

Não.

HUGO.

Certamente eu sinto que morresse
 Sem ser aos golpes da vingança minha . . .
 E Branca ?

OLARICO.

N'outro mundo alegre existe . . .

HUGO.

Isto é, neste Mosteiro ? . .

OLARICO (*á parte*).

Elle já sabe!

Sim ; ligada aos altares para sempre,
Já não vive p'ra ti, nem para o mundo. . .

HUGO.

Que ! ligada aos altares para sempre ?
Não te-acredito. Me-illudir procuras.

OLARICO.

Não quero te-illudir. Ante os altares
Firmou seus votos, que quebrar não pôde.

HUGO.

Mas tu a-constranges-te ?

OLARICO.

Voluntarios

Seus votos proferiu. Mal confiaste
Em feminis promessas. Pouco tempo
Depois de tua ausencia, resignou-se
A Jacques esposar. Extranhos casos
Fizeram demorar-se este consorcio.
Jacques porém amante, e sempre assiduo,
Pouco a pouco minando penetrára
Seu terno coração, até que pôde
Ser amado por ella. . . Oh ! não te-espantes !
E' cousa bem vulgar prejuizo em damas.
Breve se-esquece o bem, que longe vive,
E quem vive presente conta sempre
Em seu favor co'ocasião e tempo,
Chaves subtis que os peitos femininos
Abrem sem bulha. Emfim, a propria Branca
Já desejava ardente este consorcio ;
Porém Deos o não quiz, pois morreu Jacques.
Branca cheia de amor, e de saudades
Pranteou sobre-modò a morte sua.
Acabou por pedir-me uma clausura,
Onde podesse sempre, sem ser vista,

Dar curso ás suas lagrimas saudosas,
Chorando aquelle, que adorára tanto,
E de continuo aos céos orar por elle.
Resisti, mas embalde, ao seu pedido,
E tive de ceder ás suas supplicas. . .

HUGO.

Não te-acredito, não. Branca perjura?
Trahir-me, desprezar-me? é impossivel!
Antes dize que morto o infame Jacques,
Tua negra ambição vendo illudida,
Transtornados teus planos, receando
Vêl-a nos braços meus, tornando á patria,
A-obrigaste a tomar o véo das virgens. . .
Antes dize. . .

OLARICO.

Te enganas. Bem custou-me
A consentir que a filha, que amo tanto,
Abraçasse uma vida tão penosa.
Sei bem que me não crês; pouco me importa;
Mas em Marienburg estás agora;
E' neste locutorio á todos livre
Fallar ás religiosas; busca a Branca,
Si ella te-conceder uma audiencia,
(O que eu prohibirei); *(á parte)* saber tu podes
Estas verdades, que de mim ouviste.
Si inda duvidas. . .

HUGO.

Basta, homem funesto. . . *(pausa)*
Si eu contasse no pae da linda Branca
Um illustre inimigo virtuoso,
Soldado, heróe no campo da peleja,
E affeito a encarar sem medo a morte;
Que amasse a vida, que esmaltasse a gloria,
Que defestasse o ocio das cidades,
E a deshonra, e o vicio; tão valente
No meio dos combates, como honrado
A' pacifica sombra de seus lares;

Que, sendo um inimigo meu terrivel,
 A verdade jámais calcasse injusto;
 Altivo eu desprezára neste instante
 Quanto ouvi de teus labios crimosos:
 E mais altivo ainda te-bradára:
 —Mentes... calumniador... malvado, mentes!.. —
 Mas talvez que não mintas. Em ti conto
 Um feroz inimigo, e o mais tremendo...
 Tremendo nas astucias, nas mentiras,
 Nas intrigas, calumnias, e nos crimes!
 Do que não és capaz? Sob o teu mando
 Tua filha ficou n'ausencia minha;
 Seu terno coração era tão joven,
 Que ao numero resistir não poderia
 Das sementes dos crimes detestaveis,
 Que lançavas alli todos os dias!
 Si não mentes, vingaram, produziram
 Os venenosos, aborridos fructos,
 Que desejaste com tamanho empenho,
 Que amas com tanto amor! De ti são dignos!
 Pensando em quem tu és, eu te-acredito.
 Refalsada, trahidora, vil, perjura,
 E criminosa emfim quizeste a filha...
 Si não mentes, ahí tens como a-querias!
 Que uma filha tão pura, e virtuosa,
 Devia ao coração te-ser pesada!..

OLARICO.

Crês tu que era virtude em minha filha
 Cumprir um voto filho da imprudencia
 De uma ardente imprevista mocidade?
 E eu eri que o-cumprir seria um crime,
 E nesse crime mais culpado eu fôra!

HUGO.

Tens razão! teu triumpho a-justifica!
 Quem sabe!.. Talvez Branca não trahisse
 A pura fé de amor uma vez dada!
 Quem sabe si... talvez victima tua,

Lhe-fosse o claustro o premio da constancia !
 E que tu neste instante a-calumnies !
 Si de tudo és capaz, isso o que fôra?

OLARICO.

Pois vêm : vamos comigo interrogal-a . . .
 Mas tu não a-verás. (*á parte*).

HUGO (*comsigo mesmo*).

E' pois verdade!!!
 Mas verdade forjada pelo inferno !
 Não, belleza, não és dos céos a copia . . .
 E, si és copia dos céos, os céos mentiram !
 Mas que muito será que os céos mentissem
 Si meu peito mentiu crendo na falsa ?
 Minha alma perjuro ! . . jurou que a ingrata
 Antes morrerá, do que a fé faltára !
 E faltou ! . . Mil protestos mentirosos
 Gravou amor no livro de minh'alma . . .
 Nem apagal-os poderá o tempo !
 Deos, só tu pódés . . pune com a morte
 Este triste perjuro de minh'alma !
 Porém si eu perjurei crendo na ingrata,
 O motivo ella deu perjura sendo !
 Pune-a, pune-a, meu Deos . . morra a perjura . . .
 Mas não . . . Seja perjura, porém viva . . .
 Quem uma vez amou, bem que offendido,
 Ao bem que amára não deseja a morte !

OLARICO (*á parte*).

No licor delicioso da vingança
 Em suave effusão nada, ó minh'alma !

HUGO (*comsigo mesmo*).

Deixar com risco o campo do combate,
 Fazer tanto por ella, vencer tudo !
 Por terras d'inimigos caminhando,
 Entre perigos, e arriscados transes,

Cuidando vir achar entre seus braços
 O doce galardão de meus trabalhos!
 Fazer mil sobrehumanos sacrificios,
 E ver tudo baldado em um momento!
 Tres annos de uma ausencia só bastaram
 Para seu coração trahir seus votos!
 E porque não morri!.. O' Branca... Branca...

OLARICO (*com orgulhosa emphase*).

Por justa a tua dôr, razão te-sobra!
 Deixaste o campo do combate, e as armas,
 Onde o campo da gloria se te-abria,
 E per entre mil riscos, e fadigas
 Vêr baldados vieste os teus empenhos!
 E' justa a tua dôr! Eu pois desculpo
 A tua acerba dôr, e os teus insultos!
 E' doce uma vingança!.. Estou vingado;
 Que aquella mesma, que adoravas tanto,
 Rompendo os votos, que te-fez amante,
 E punindo os ultrages que, outro tempo,
 Já recebi de ti... lembra-te, ó Hugo...
 Fez de rojo abater-se o teu orgulho!

HUGO (*com reconcentrado furor*).

Imprudente Olarico, assás te-enganas!..
 Meu amor abateu-se, é bem verdade,
 Mas meu orgulho, não... nem tu, nem ella,
 E nem o mundo inteiro o-poderiam!
 Amei a tua filha mais que a vida,
 E' verdade; porém menos que a honra:
 E' doce uma vingança... Estás vingado!..
 Mas teme, si algum dia eu fôr sciente
 Que Branca constranjida ante os altares
 Involuntarios votos proferira...
 Teme, e treme... que então minha vingança
 'Stá primeiro que a honra, a gloria, e tudo...

OLARICO (*á parte*).

Ser-me-ha bem precioso que o-indagues.
 Hei de tudo dispôr para illudir-te.

HUGO.

Fica, Olarico... Um dia nos-veremos...

SCENA V.

OS MESMOS; BRANCA, BERTHA E A PORTEIRA, *dentro da grade. Branca ouvindo as ultimas palavras de Hugo, o-reconhece immediatamente, e proferindo em um grito doloroso o nome delle, cahe sem sentidos nos braços das duas.*

BRANCA.

Hugo!!!.. *(desmaia).*

HUGO *(reconhecendo a voz de Branca, volta-se rapidamente, e corre para grade.*

Branca!!!..

OLARICO *(correndo á grade).*

Levae-a...

HUGO *(com transporte de desesperação. No entanto as duas vão sempre levando a Branca em braços).*

Um só momento...

Esperae um momento... um só vos-peço...

Deixae, deixae que a-veja, e que lhe-falte... *(As que levam Branca desaparecem; e Olar. sahe precipitadamente).*

Um instante si quer... por Deos vos-rogo.

Cruéis... porém debalde... ah! não me-attendem...

Maldição... maldição... Ferrenhas grades, *(sacudindo as grades com extremo furor.*

Surdas á minha dôr!.. Ah! tudo é surdo!..

Tudo é duro!.. Oh vingança! Onde, Olarico...

Onde estás? onde estás? porque me-foges?... *(procurando Olar., como fóra de si).*

Foges porém debalde...

SCENA VI.

HUGO E O ESCUDEIRO.

ESCUDEIRO *(entrando).*

Oh Deos! que vejo!

Que furor! que delirio! O que acontece?
Senhor... ah! socegae-vos.

HUGO.

Tu não viste,
Esse velho fallaz, esse embusteiro?

ESCUDEIRO.

Não sei de quem fallaes... não sei que velho...

HUGO.

Olarico... esse infame...

ESCUDEIRO.

Não sei delle.

HUGO.

Illudiu-me o malvado, e pôz-se a salvo.

ESCUDEIRO.

Não consentiu talvez fallar-vos Branca? (*Tocam seis
Seis horas! era a hora, que me-deram. horas*).

HUGO.

E'-me impossivel já tornar a vê-la,
Pois cauteloso prohibir-m'-o-deve...
Mas quero ao menos me-vingar... (*acção de partir*).

ESCUDEIRO.

Detende-vos.

Senhor, tranquillisae-vos. Eu prometto
Dar-vos um meio de fallar a Branca...
Não creio que ella aqui professa esteja;
E, si ella ainda vos-amar, de certo
Tomareis de seu pae melhor vingança.
Sei um segredo sobre este mosteiro,
Que revelou-me um velho ha muito annos,
E que muito serviu nestes logares.
Não ha mais tempo que perder. Partamos.

HUGO.

Mas que segredo?

ESCUDEIRO.

Vamos.

HUGO.

Dize.

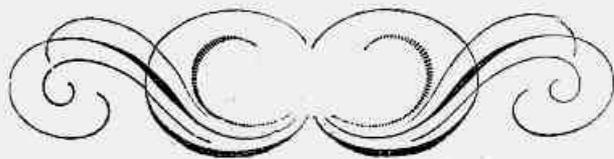
ESCUDEIRO.

Ouvi-me. (*O Escudeiro
falla-lhe ao ouvido*).

HUGO.

Quero. Partamos, que a vingança é doce!
Oh! não te-perderei!.. O' Branca, eu volto
Para punir teu pae. . . p'ra zombar delle. . .
Seu capricho illudir, vingar a affronta!
Ser cavalheiro, e amante. Amigo, vamos.

FIM DO SEGUNDO ACTO.



ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Interior de uma cella. Ha uma mesa sobre a qual uma pequena cruz. Uma pequena lampada, ou candieiro arde com fraca luz sobre a mesa. De um lado está um assento, d'outro uma cama. O intervallo do segundo acto ao terceiro foi de cinco horas e meia pouco mais ou menos: faltam portanto vinte minutos, ou meia hora para mela noite ao começar o terceiro acto. Logo do principio delle vêem-se esclarecer alguns relampagos, e ouvem-se trovões, que se-vão augmentando progressivamente, a ponto, que no fim do acto a tormenta é horrivel. Branca entra em scena na maior agitação possível.

BRANCA (*só*).

Porque tão cruelmente me-enganarem! . .
Que elle não mais á patria tornaria
Diceram-me, e eu cri, tudo ignorando. . .
Ao depois que era morto. . . e finalmente
Hugo vive. . . elle volta. . . e eu sou perjura! . .

SCENA II.

BRANCA E A ABBADESSA.

ABBADESSA.

Branca, que significa esse teu pranto?
Escondel-o á meus olhos já não podes. . .
Durante a resa, ha pouco, inda no côro
Choravas sem cessar. Isto obrigou-me,
Apezar de tal hora, a procurar-te.

BRANCA.

Perdôa-me, senhora: de tal sorte
Foi a minha passagem para o claustro,
Que eu deixar de extranhal-a não podia.
Eu ainda não 'stava preparada
Para neste retiro, em um momento,
Do mundo me-esquecer, e de seus dias.

ABBADESSA.

Esquece o mundo, e para o céu só vive.

Branca, teu coração á Deos eleva !
 Os prazeres do mundo fujitivos
 Passam, como o lampejo, e dór só deixam.
 Esses dias do mundo, que te-illudem
 Trazem após de si dias de lucto ;
 Mas do claustro os prazeres não se-turvam :
 Aqui pois tens de achar a paz ditosa.
 Neste retiro, neste santo asylo,
 Branca, serás feliz . . .

BRANCA.

Ah! . .

ABBADESSA.

Tu suspiras !

Foje, ó filha, do Demo, que te-cerca,
 E te-busca illudir com falsas glorias !
 Esse mundo, que deixas, seus prazeres,
 A tua alma mais bella não tornavam,
 Nem da morte o teu corpo livrariam;
 Ao contrario essas glorias e prazeres
 Seriam ante Deos as testemunhas
 Dos teus peccados : ellas bradariam
 Contra a tua alma perdição eterna !
 O inferno . . .

BRANCA (*horrorisada*).

O inferno! . .

ABBADESSA.

Tu te-assustas !

Os remorsos . . .

BRANCA.

Senhora . . .

ABBADESSA.

Eu te-lastimo . . .

Em o teu coração bem sei que existe
 Um caro objecto amado por quem choras . . .

Branca, o teu coração á Deos pertence!
 O sacrosanto, Omnipotente esposo
 Não se-póde illudir. O' virgem, teme,
 Si um só instante desviar tentares
 Teu coração de teu celeste esposo,
 O raio da vingança nesse instante
 Ouvirás rebentar por teu castigo!
 Os pensamentos todos de tua alma
 Pertencem ao teu Deos des do teu voto...
 Esquecel-o é perjurio, é crime horrendo!
 Ao teu perjurio segue-se o castigo...
 Interdicta, aborrida, excommungada,
 A' qualquer parte, que teus olhos mandes
 Encontrarás mil furias p'ra punir-te!
 Té as paredes abrirão cem boccas
 Para accusar teu crime; outras a terra
 Também verás abrir para engulir-te!
 Ouvirás esta voz a todo o instante:
 « Excommungada, morrerás no crime!.. »
 Mas não findam no mundo os teus supplicios;
 Após da morte, do inferno as chammas,
 Eterna maldição, castigo eterno!..

BRANCA (*cahindo-lhe aos pés*).

Ah! clemencia... perdão...

ABBADESSA (*levantando-a*).

Sim, minha filha,

Do Senhor a clemencia só implora...
 Vae orar ao Senhor ante os altares,
 E elle descera sobre a tua alma:
 Confia do Senhor tua innocencia;
 A' elle só te-entrega, e tudo espera...
 E logo irás p'ra resa mais tranquilla.

SCENA III.

BRANCA (*só, depois de alguma pausa*).

Que é isto? E' pois verdade! Hugo inda vive?
 Eu vivo? e deste carcere sombrio

Só póde a lei da morte libertar-me?
 Hugo em Marienburg eu vi, eu propria?
 E' impossivel... não... tudo é verdade...
 Verdade mais funesta do que a morte!

SCENA IV.

BRANCA E BERTHA.

BERTHA.

Neste instante sahir vi a Abbadessa!
 Que veiu aqui fazer a taes deshoras?
 Alguma novidade?

BRANCA.

O' minha amiga,
 Depois de me-illudirem com falsias,
 De arrancarem meus votos quasi á força,
 Me-tratam cruelmente; e até me-exijem
 Ter meu rosto contente, e pôr-me um freio
 A' minha dôr, e lagrimas amargas...

BERTHA.

Pois bem, sólta o teu pranto nesta cella,
 Mas ante os olhos seus serena o rosto,
 Tu fallas d'Abbadessa, não?

BRANCA.

Sim, fallo.

Ella, meu pae, e todos, que me-cercam
 Não viram de minha alma os soffrimentos,
 Exijindo os meus votos quasi á força?
 Porque não me-attenderam? Simularam
 Não me-ouvir... e me-exijem que não chore!
 E chama-se este asylo, asylo santo
 De paz, de piedade, e de virtudes!

BERTHA.

Santo asylo... de paz, e de virtudes!...
 Elle o é; mas p'ra quem já traz do mundo
 Alma cheia de paz, e de virtudes!

- * Para aqui nos não traz vocação pura !
- * Excepto aquellas que um cruel desgosto
- * As-traz a se-encerrarem neste claustro,
- * E meninas, que a amor, não conheceram,
- * Victimias do capricho é quanto existem ;
- * E estas virgens, que vês, são quasi todas!
- * Ninguem feliz no mundo aqui viera
- * Por gosto sepultar-se. Minha filha,
- * Para servir á Deos em qualquer parte
- * Serve uma alma christã, piedosa, e pura,
- * Sempre a virtude em toda a parte amando!
- * Aqui, como no mundo, existem vicios,
- * Como no mundo aqui virtudes brilham!
- * Não ha lugar que o crime não infeste
- * Ao depois que nos céos o crime entrára ;
- * E a virtude do mundo é mais sublime
- * Que a virtude do claustro! Minha filha,
- * Aqui p'ra os grandes crimes faltam meios,
- * Elles sobram no mundo : aqui se-obra
- * A se-amar a virtude, e lá no mundo
- * O que é virtuoso é por seu gosto.

BRANCA.

- * Eu pasmo de te-ouvir.

BERTHA.

Verás tu mesma.

- * Quasi todas as virgens deste claustro
- * Arrancadas ao mundo, que adoravam,
- * Deixam o quanto amavam para sempre.
- * A que vêm novamente aqui encontra

* Quando, ha poucos annos, ia abrir-se o theatro de S. Francisco, querendo o seu empresario, que tinha em suas mãos esta tragedia, levar nesta abertura uma composição brasileira, mandou-a com mais alguns dramas ao Conservatorio Dramatico, que a-entregou á consideração de cinco membros, escolhidos de seu seio ; os dous que primeiro viram esta composição, implicaram com os versos, que levam asteriscos ; os outros tres concordaram. Certo eu de que tal procedimento não passa de nimia susceptibilidade, pois que nada ha ahi contra a fé, a moral, nem ainda contra a piedade; com quanto me não importe, que estes versos sejam, ou não recitados; quero todavia que se-imprimam. Fique pois ao escrupuloso milindre do Conservatorio, ou de qualquer autoridade e que licencei, esta tragedia, o prohibil-os na recita, ou deixar de o-fazer.

- * Não poucas companheiras de infortunio,
- * Que esquecem ao depois quanto perderam!
- * E a nova companheira, si prantêa,
- * Em vez de achar consolação nas outras
- * Acha sómente o escarneo, e a zombaria!
- * E' maxima seguida neste claustro:
- * — O mal de muitas é consolo á todas!—

BRANCA.

A quantos annos, Bertha, estás no claustro?

BERTHA.

Ha quinze annos vivo aqui chorando;
 E parece-me já corrido um seculo!
 O mesmo tempo, que aniquila tudo,
 Respeita a minha dôr e o meu tormento!
 Aqui (*pondo a mão na cabeça*) vive a lembrança do passado...
 E aqui (*pondo a mão no peito*) as saudades. E' dest'arte
 Que vive aqui uma alma que é constante!
 * Mas o mundo, que ignora estes mysterios...
 * Chama asylo de paz e de virtudes
 * Ao asylo da intriga e do despeito!
 * O mundo nos-contempla, mas de longe;
 * E então nos-admira, e nos-applaudes!

BRANCA.

Bertha, não me-abandones, eu te-rogo;
 Ser-me-ha doce chorar junto a teu lado...
 Ao menos correrão nesta clausura
 Os nossos tristes prantos misturados.

BERTHA.

Nunca te-deixarei. A noute cresce;
 Vae descancar um pouco...

BRANCA.

Oh! não me-deixes...
 Não vês como se-augmenta a tempestade!

BERTHA.

Não temas; eu já volto em um momento.

SCENA V.

BRANCA (só).

Vae... tu és tão sensível porque amaste
 Como se-póde amar! Tu és tão terna,
 Porque amaste como eu. Quem assim ama
 Tem peito compassivo, terno, e brando;
 Que amor se-não accende em peitos duros!..
 O' Hugo...

SCENA VI.

BRANCA E HUGO (*Hugo entra repentinamente, e fecha a porta por dentro. Branca assusta-se á sua entrada. A trovoadá vae-se augmentando, e muito*).

HUGO (*entrando*).

Aqui me-tens.

BRANCA (*recuando com pavor*).

Ah!!!

HUGO.

Que l te-assustas!..

BRANCA (*tremula, horrorisada, e tapando o rosto com as mãos*).

Um phantasma... Um phantasma!

HUGO (*á meia voz*).

Não; sou Hugo.

Teme que nos-escutem... Falla baixo.

BRANCA (*com voz suffocada, rápida, e tremula*).

Hugo neste lugar!.. é impossível!
 Tu és acaso do Senhor o anjo,
 Que sob as fórmás do valente Hugo
 O castigo trazer, castigo justo
 Vens á esposa sacrilega do Eterno?

HUGO.

Nem anjo, nem castigo. Ouve um momento.
Sou Hugo, Hugo sómente; e nada temas.

BRANCA (*encarando-o receiosa*).

Oh!.. tu!.. que vens fazer nestes lugares?!
Desgraçado... que queres? que pertendes?!

HUGO.

Revocar teu amor; chamar-te ao mundo...

BRANCA.

Quem?! tu!.. perdeste o senso! Hugo, que dizes?

HUGO.

Que venho conduzir-te á flicidade.

BRANCA.

Mas tu neste lugar!.. Como podeste?!

HUGO.

Depois de salva saberás de tudo.

BRANCA.

Ah! não: quero saber: dize, eu te-rogo.

HUGO.

Neste salão visinho á cella tua
Dous varões da janella muito gastos,
Tiram-se á geito, e ha passagem franca.
Vali-me de uma escada. Antes soubera
Do lugar, que habitavas. Tudo é prestes.
Nada para salvar-te, ó Branea, falta.

BRANCA.

Que audacia! que delirio!

HUGO.

Amor sómente...

BRANCA.

Oh!.. foje, e nunca mais procures Branca...
 Esquece para sempre a desditosa...
 E, si esquecer-a teu amor não póde,
 Lastima a triste, e mais não cures della!

HUGO.

Que dizes? tu deliras!.. tu...

BRANCA.

Findaram

Para Branca infeliz o mundo, e a vida!

HUGO.

Não te-entendo...

BRANCA.

Eis-me em vida amortalhada!
 O véo das virgens do Senhor me-cobre!

HUGO.

Branca!!!

BRANCA.

Aos santos altares já ligada,
 Aqui devo esperar da vida o termo!
 Que mais?... Esposa do Senhor, ó Hugo,
 Votei ao céo meu coração para sempre!

HUGO.

Branca... Branca... o que dizes?

BRANCA.

Para sempre...
 Hoje o céo recebeu meus sacros votos!

HUGO (*com reconcentrado furor*).

Hoje o céo recebeu teus sacros votos?!

Teu pae m'-o-havia dito ; porém quando
 Junto á grade te-ouvi soltar meu nome,
 Eu suppoz que o malvado me-illudira,
 E que Branca inda amava o seu amante!..
 Mulher... o que fizeste de teus votos?..
 Branca... tu illudiste a Divindade!
 Tu não podias ser do Eterno esposa... *(com brandura)*

BRANCA.

Eu tremo!..

HUGO.

Tremes!... sim... do teu perjurio!..
 E nem ousas fitar nos meus teus olhos...
 Onde os penhores, que eu em-ti deixára,
 Votos, e fé, amor, e juramentos?
 Volto, busco-te... ingrata... e já não acho
 Juramentos, amor, nem fé, nem votos!
 Que fizeste de tudo? o que fizeste?

BRANCA.

Basta... cruel... mas não... és terno, és justo... *(pausa)*
 Eu devia morrer! devia eu propria
 Arrancar-me esta vida abominavel!
 Sim; eu devia preferir a morte
 Ao claustro, e ao anáthema paterno!

HUGO.

Anáthema paterno! Branca, explica-te...

BRANCA *(formalisada)*.

Não, que não deves crêr n'uma perjura...

HUGO.

Jacques... que tu amavas... não é morto...
 E para a teu sabor poder choral-o
 Não vieste p'ra o claustro?..

BRANCA.

Que perfidia!

Jacques vive; e por mim vive odiado!..

HUGO (*á parte*).

Ah! sim; meu coração bem m'-o-dizia!

BRANCA.

Pintaram-me impossivel tua vinda,
 E quizeram meu voto ante os altares...
 Fui forçada a escolher... eu inda tremo!..
 O claustro, ou maldição; céo, ou inferno!
 Eu carecia coração de ferro
 Para sobreviver ao sacrificio,
 Sacrificio cruel! Quando estendida,
 Sobre o marmore frio, inda ha bem pouco,
 Coberta com a mortalha, foi preciso
 Recolher no meu peito o sangue todo
 Para abafar do coração as vozes!
 Quando, quasi insensivel me-exigiram
 Esse voto tremendo!.. ah! si meus labios
 Ante o altar os votos proferiram,
 O meu corpo tornou-se um frio gelo!
 Cessou de palpitar dentro em meu peito
 Meu frio coração; e a dôr da morte,
 Arrancou de-meus olhos já pasmados,
 Hugo, ó Hugo, uma lagrima gelada!..
 E' esta a narração, que eu-tenho ouvido,
 Porque eu de mim não soube nesse instante...
 E como não morri?... e ainda vivo?!..

HUGO.

Vives p'ra ser feliz! cumpre que vivas!
 Vive pois, e verás minha vingança!
 Ah malfadado! ah perfido Olarico!
 Tu sentirás o peso de meu braço
 Sobre a tua cabeça criminosa... .

BRANCA (*magentosamente*):

Repara que Olarico é pae de Branca!

HUGO.

Quem? teu pae? esse monstro, que te-perde!

O auctor de meus males, e do inferno,
Que neste instante o peito me-devora!
Oh! só póde apagal-o o sangue delle!

BRANCA (*com altivez*).

Queres o sangue delle? ahí tens meu pranto!
Mas meu pranto e seu sangue é muito pouco
Para apagar o inferno de teu peito!
A espada de um guerreiro de continuo
Gemendo na bainha pede horrores!
Vae... despedaça o pae... quando voltares,
Fere o peito da filha... ahí tens mais sangue...

HUGO.

Basta... perdão... Esquece um tal delirio...
Mas dá-me a vida, Branca; amas-me ainda?

BRANCA (*com enthusiasmo*).

Como deixar de amar-te?!.. é-me impossivel...

HUGO.

Ah! teme... falla baixo, que estes muros
São verdugos de amor... vão delatar-nos.
Vamos...

BRANCA.

Aonde?

HUGO.

Deixa esta morada :
Ninguém póde impedir-nos. Vamos, Branca.

BRANCA.

Tu queres te-perder, e a mim contigo?!

HUGO.

Nada receies; tudo é previnido.

BRANCA.

Si aqui te-virem?..

HUGO.

'Stá fechada a porta.

BRANCA.

Si batem ?..

HUGO.

Esta mesa, aquella cama
São-me escondrijos ; e depois a fuga.

BRANCA.

Eu devia esquecer-te para sempre!
Como o meu coração morrido havia
Para o mundo, morrer tambem deveram
As faculdades todas de minha alma !
E bem á meu pezar existem nellas,
Em toda a plenitude esse passado,
Esse mortal, que amei, que amarei sempre,
Ainda á meu pezar, a pezar inda
Desse Deos, que me-vê, que ora me-escuta!

HUGO.

Não; dize á teu pezar; que o Deos, que te-ouve
Não quer vêr separadas duas almas,
Que um virtuoso vinculo prendêra!
Sua filha arrastando ante os altares
Teu paé muito abusou de seus direitos,
Porque as leis paternaes, inda que santas,
Aos corações dos filhos não se-estendem.
Por abuso o-poder forçou teus votos,
E o Céu forçados votos não acceita.

BRANCA.

O Céu forçados votos não acceita;
Porém o mundo, ó Hugo, os-auctorisa...

HUGO.

Para o Céu tenho uma alma responsavel
Pelos peccados meus; para o Céu tenho

Minhas adorações, preces, e votos:
 Para o mundo porém tenho dous braços;
 Tenho sangue e valor, tenho uma espada!
 Ao Céu peço justiça, ao mundo affronto;
 Ao Céu adoro, ao mundo desafio!..

BRANCA.

Oh Deos! Porque, sabendo que eu ligada
 Aos altares, aos Céos entregue toda,
 Maldizendo meus votos não fujiste?
 E vens o meu amor tentar de novo?
 Distrahil-o de Deos ao qual pertence?!..
 Hugo... tu vens cavar minha ruina!...
 Ah! não... deixa-me em-paz...

HUGO.

Branca, recusas?

BRANCA.

Quizera te-seguir... mas... impossivel!..

HUGO.

Impossiveis não ha para quem ama.

BRANCA.

Hugo, já proferi meu juramento,
 E Deos o-recebeu p'ra todo o sempre!
 Desgraça a quella, que o-trahir perjura!...
 Queres tornar meu nome aborrecido?
 Minha infausta memoria detestada?
 Queres que eu enxovalhe as cans paternas?
 Que vá contigo errar na terra extranha,
 Vendo no abysmo de crueis remorsos
 Abrir-se... tão medonha! a eternidade...
 E no seu fundo o inferno!.. horror!.. não posso...
 E aonde, em meu crime achar asylo?!..

HUGO.

Só em Marienburg não é que ha vida!
 Troki é vasto, e Dantzick, é vasta a Prussia,

Tenho além disto Lithuania toda;
 Si temes em algum destes lugares,
 E' grande o mundo, e tem largas florestas!..
 Meu amor vale mais que esta clausura...
 Vamos pois... vamos, Branca... não recuses...
(A trovoada se-vae tornando mais furiosa).

BRANCA.

Oh! isto é tentação! isto é horrivel!..
 Só de ouvir tua voz horrorisado
 Hugo, vê como o céu se-despedaça!

HUGO.

Não; que firme em si-mesmo o céu não treme!
 Deixa pois que troveje a natureza,
 Que Deos não pune amor, nem a virtude!

BRANCA.

Aqui não ha amor, não ha virtude!
 Aqui ha só delirio, audacia e crime!
 De um lado a esposa santa, que profanas
 Com criminoso amor!.. d'outro te-escuta
 O 'Sposo, o teu rival, um Deos tremendo!..
 Oh! não o-irrites mais...

HUGO.

Que contumacia!
 Pois fica... eu não perdi a liberdade...
 Eu vou pois procurar novos amores,
 Mais leaes de que os teus... Fica, que eu parto
 Ao mundo, á amor, á f'licidade, á gloria!.. *(acção
 de partir).*

BRANCA *(na expressão do mais vehemente ciúme).*

Hugo!!!.. Como não morro!.. *(voltando-lhe costas
 bruscamente).*

HUGO *(voltando-se para ella com ternura).*

Vêm ser minha...
 Antes morrer de amor, que de ciúmes!

BRANCA (*chorando; mas em tom resignado, e ao mesmo tempo pathetico*).

Sim. . . vae gozar no mundo os. . . quanto queiras:
 Elle te-pode dar flôres, e risos,
 E Branca só tem lagrimas. . . e deixa
 No claustro a malfadada, onde se-mirre
 De saudades, entre ais, entre suspiros!
 No meio dos prazeres, lá no mundo,
 Ah! lembra-te uma vez da infeliz Branca!
 Ao menos uma vez. . . mas não; esquece-a,
 Esquece-a para sempre. . . Essa lembrança
 Não vá toldar a idéa de teus gostos!
 Vive tu para o mundo, já que Branca
 Não vive mais p'ra ti, nem para o-mundo!

HUGO.

Tu és a que te-matas para o mundo!
 E. . . Oh Céos! quem dicera! é este abysmo,
 Que tu preferes, Branca, ao teu amante?

BRANCA.

Prefiro a honra ao mundo, e á propria vida. . .

HUGO.

Qual honra?! vã chimera! estulta idéa,
 Que enche a cabeça e ao coração não chega!
 A honra sem virtude é vão phantasma,
 Ouca palavra com qu'o orgulho humano
 Occultos vicios doura, e ampara os crimes!
 A honra quer cumprido um livre voto;
 Tu me-juraste amor, cumprir tu deves:
 Eis-aqui a virtude, a honra é esta!
 Segue a virtude, pois, rompe teus ferros. . .
 Tu não recusarás. . . sim, minha Branca. . .
 A' teus pés, de-joelhos te-supplico. . . (*de-joelhos*).

BRANCA (*pondo-lhe uma mão sobre um hombro*).

Hugo!.. que me-propões?

HUGO.

O mundo, a vida...

BRANCA.

E não posso aceitar!..

HUGO.

Que! tu não podes?

BRANCA.

Não posso.

HUGO.

Branca... vamos...

BRANCA.

Não; não posso.

HUGO (*levantando-se com afflicção*).

Bem. Eu julguei-te amante, e que ora grata

Me-quizesse seguir: mas sei agora

Que as rigidas entranhas tens de marmore!..

Tudo se-acabe. (*com amargura*) Adeos. (*com despeito*) Esses teus olhos

Nunca mais me-verão. (*voltando-se para sahir*) Mais compassiva

A morte me-será que tu... Ingrata... (*caminhando para a porta*).

BRANCA (*pondo as mãos, com voz supplicante*).

Hugo!..

HUGO (*voltando-se* enternecido*).

Que queres... Branca?..

BRANCA.

Eu soffro tanto!..

Hugo... o meu juramento...

HUGO.

Foi forçado.

A' mim primeiro teu amor juraste:

O juramento á mim foi voluntario,
 O juramento á mim por isso é valido:
 O juramento á Deos foi constrandido,
 O juramento á Deos por isso é nullo!

BRANCA.

Hugo... a voz d'Abbadessa em meus ouvidos
 Retroôu inda ha pouco desta sorte:
 Os pensamentos todos de tua alma
 Pertencem a teu Deos; trahil-o é crime!
 E' perjurio que Deos jámais perdôa!
 Ao teu perjurio segue-se o castigo!
 Ouvirás esta voz a todo o instante:
 —Excommungada, morrerás no crime!—
 Hugo... eis-me á teus pés...eu te supplico *(de joelhos)*
 Que te-vás, e me-deixes para sempre...
 Hugo... tem piedade *(sôa um grande trovão, e Branca ergue-se
 horrorisada).*

Oh Deos! eu morro...

HUGO.

Não te-assustes, meu anjo; não te assustes...

BRANCA.

A natureza toda horrorisada
 A colera do Céu nos-annuncia!

HUGO.

A natureza as leis invariaveis
 Não altera jámais só porque um homem
 Perpetre um crime, ou obre uma virtude;
 Despe pois o pavor; antes applaude
 A negra tempestadé, que ribomba:
 Este horror pavoroso, que nos-cerca,
 Melhor proteger hade a fuga nossa...
 Até Deos nos-ampara. Branca, vamos!... *(Grande
 trovão).*

BRANCA (*cada vez mais assustada pelos trovões*).

Olha o Céu... olha o Céu, que te-ameaça...

HUGO (*em desesperação*).

Maldição! pois até a tempestade!
Deos, si exijes que presa aos teus altares,
Eu perca para sempre a minha amada;
Ouso desafiar teu raio ardente,
Ouso affrontar os teus castigos todos!... (*Grande trovão*).

BRANCA (*erguendo as mãos abertas, como querendo tapar a boca de Hugo*).

Basta... não diga mais... cala, blasphemo...
Vê como a natureza horrorisada
Só com trovões responde aos sacrilegios!

HUGO.

Desterra as illusões, que te-fascinam,
Supera o mêdo, Branca, e nada temas...

BRANCA.

Não temer quando tanto horror me-cerca!
Desta parte meu pae me-amaldiçoa,
Daquella meu irmão te-busca armado
P'ra vingar-se, e punir teus desatinos!
De um lado ouço bradar-me a consciencia...
Do fundo de minha alma parte um grito:
—Excommungada, morrerás no crime!—
A natureza toda accesa em iras
Exprime nos trovões dos céos as furias!
D'outro lado tremendo, o vingativo
Deos nos-vê, Deos escuta, Deos ameaça!
Hugo... teme! o passado é nada, ó Hugo!..
Pouco o presente, e o futuro é tudo!

HUGO.

Quem é que esses horrores te-annuncia?
 Si Deos as justas maldições approva
 De um pae, injustas maldições condemna.
 Temes a teu irmão? quando descubra
 O nosso asylo, si elle é cavalleiro
 Cavalleiros não temo; armas são provas!
 Não fatigues tua propria a consciencia;
 O grito, que suppões partido d'alma
 Nasce, ó Branca, sómente do teu mêdo!
 Deixa, pois que retumbe a tempestade!
 Deos vê, Deos nos-escuta, Deos nos-julgue!
 O passado passou-se, e não me-assusta!
 Pelo presente eu mesmo te-respondo,
 Pelo futuro Deos!.. Branca, partamos...

BRANCA.

Eu não posso deixar estes lugares...

HUGO (*pegando-lhe no braço*).

Branca, tu deixarás... (*puzando-a mansamente*).

BRANCA (*resistindo pouco*).

Hugo, que fazes?! (*Grande trovão*).
 Olha o templo, que treme! é Deos, que ameaça!

(*Os trovões tornam-se mais fortes, e amiudados. Começa a tocar meia-noute; Hugo, e Branca prestam atenção ás picadas do relógio; depois da ultima, Branca tremula, e como gelada de terror diz:*

BRANCA.

Doze!.. Ouves este som?

HUGO (*como superior a tudo*).

E' meia noute!

BRANCA (*com voz interrompida, mas vibrante, e como inspirada*).

E' meia noute! a hora tenebrosa
Em que o inferno se-abre, e que despeja
Sobre a face da terra escurecida
As furias... os demonios tentadores!
O' Hugo... algum demonia te-possue...
E contra o proprio Deos vêm revoltar-te!..

HUGO (*impaciente, e puxando Branca*).

Deos, ou anjo, ou demonio... ou quer que seja,
Este amor, que troveja na minha alma!
Elle me-induz, me-anima p'ra arrancar-te
Deste horror, deste abysmo, que te-encerra! (*Grande trovão*).

BRANCA (*cahindo de joelhos*).

Hugo... Hugo, piedade... Hugo, detem-te...

HUGO (*querendo tomal-a nos braços*).

Que louca pertinacia!

BRANCA.

Oh! isto é muito!..

Começa a tocar o sino para resa. Pausa, e attenção entre os dous. Branca cada vez mais tímida falta:

BRANCA.

Ouves? o sino chama para resa
As filhas do Senhor...

HUGO.

Oh! eu me-perco

Por tua louca teima... mas sabiamos...
Despeje o céu embora os raios todos (*Grande trovão*).

BRANCA (*como delirante de terror*),

Olha... o céu sobre nós já se-desaba!..

HUGO.

Oh vêm (*grande e horroroso trovão*).

BRANCA.

Misericórdia!

HUGO.

Que o céu cahia
Acceso nos seus proprios raios...

(*Ao som de um maior trovão passa em frente da janella do cubiculo de Branca um raio, cuja luz o-esclarece instantaneamente. Branca lança o grito, e cahe sem sentidos nos braços de Hugo, que proferindo o ultimo verso, a-toma em braços e sahe com ella: o panno cahe immediatamente*).

BRANCA (*desmaiando*).

Ah!

HUGO (*tomando-o nos braços*).

Não... tu não ficarás nesta masmorra!

FIM DO TERCEIRO ACTO.



ACTO QUARTO.

SCENA PRIMEIRA.

(Vista de uma grande sala de um antigo castello, a qual é, do lado, que olha para o jardim, guardada de um longo parapeito, sobre o qual ha alguns vasos com roseiras e rosas abertas. Esta sala parece ter estado em abandono. A tempestade, declinando de seu furor, vae a terminar-se: apenas relampeja pouco, e troveja longe; de modo que no meio deste acto a tormenta está completamente acabada. O intervallo do 3.º ao 4.º acto foi de hora e meia, pouco mais ou menos: falta por tanto meia hora para as duas horas da manhã. Ao levantar do panno Hugo está junto de Branca, que assentada em uma cadeira, como espantada, corre com a vista toda a sala, parecendo ter sahido de um profundo somno, e passando a mão pela testa, como querendo recolher suas idéas para lembrar-se).

HUGO E BRANCA.

BRANCA.

Oh meu Deos! onde está minha memoria?!

HUGO.

Branca, cobra a razão, e nada temas.

BRANCA.

'Stou na minha razão... eu nada sinto...
Mas eu não estava ha pouco em minha cella?

HUGO.

Estavas, sim.

BRANCA.

Ha pouco a natureza
Medonha, entre trovões, não desfechára
Seus raios?

HUGO.

Sim, ha pouco trovejava.

BRANCA.

Mas eu não 'stava então no meu cubiculo?
Tu não stavas comigo? eu me recordo...

HUGO.

Sim, 'stavas no mosteiro; eu tambem 'stava.

BRANCA.

Mas quem me-trouxe aqui? Que casa é esta?

HUGO.

Branca, nada receies; stás segura.
Foi amor quem te-trouxe, amor sómente. . .

BRANCA.

Mas como! como vim? que encanto é este!

HUGO.

Durante o teu desmaio, eu em meus braços
Restitui-te ao mundo, e á liberdade. . .

BRANCA.

Eu pois tive um desmaio?!!

HUGO.

Pelo susto,
Que tiveste, ao cahir ha pouco um raio. . .

BRANCA.

E tu. . tu dos altares me-roubaste?

HUGO.

Não; tirei-te de um duro captiveiro :
Eu fiz. . .

BRANCA (*como fora de si*).

Basta. . . que horror! Não continues. . .
Com que execravel mancha te-has coberto!
Que medonho attentado! foje! . . foje. . .
O crime, a maldição, e o sacrilegio,
Negrejam sobre ti! Peccado enorme!

HUGO.

Branca, escuta um momento...

BRANCA (*do mesmo modo*).Foje... foje... (*levantando-se e voltando pela scena,
como em delirio*).

Excommungado, ao Céu tu te-atreveste!
 Condemnação eterna p'ra tua alma!
 A tua alma é do inferno! Hugo, que has feito!

HUGO (*seguindo-a*).

Branca! Branca! meu anjo! minha vida!
 Ah! convém que triumphes de ti mesma!
 Calca aos pés tão grosseiros prejuizos,
 Fallazes medos, que á tua alma opprimem!
 Aqui ha um amor, que arrostra a tudo,
 Não crime, ou attentado, ou sacrilegio!
 As justiças do mundo muito embora
 Com feios nomes este amor afeiem...
 A justiça dos Céos tem outro norte;
 Confiemos pois nella, e nada temas...

BRANCA (*assentando-se, como desfallecida*).

Ai!.. sinto-me morrer!..

HUGO.

Cobra a razão...

Cobra, e de um mêdo tão pueril triumphas!

BRANCA.

Hugo, eu quero partir p'ra o meu mosteiro:
 Deixa que eu alli morra... deixa, e vae-te...

HUGO.

Comol que dizes, Branca, isso é possivel!
 Entregar-te tu propria, e por teu gosto,

E a mim, á vingança, e atroz castigo?
 Agora no mosteiro, que deixámos,
 É de sobra sabida a fuga tua,
 E todos saberão que foi comigo!
 Que dirás, quando entrares no mosteiro?
 Si o meu procedimento um crime julgas;
 Que desculpa acharás para um tal crime?
 Voltar! como voltar? como é possível!

BRANCA.

Hugo, o teu crime espanta a humanidade!
 Insulta a religião! aos Céos affronta!
 Rebelde... excommungado... eu te-maldigo!

HUGO.

E' pouco o quanto has dito! eu mais mereço...
 Tens razão de sobejo... sim, pragueja-me...
 Pune o crime infeliz de haver te-amado!
 Crês que perante Deos, perante os homens
 Eu seja um criminoso endurecido?
 Si entre os homens alguns me-criminarem,
 Outros dar-me-hão desculpa; porém certo
 Ante Deos innocente está minha alma!
 Si por ventura perpetrei um crime,
 Meu crime é meu amor, é ter-te amado!
 A' ti punil-o toca; á ti sómente;
 Vae delatar-me pois: eu te-conduzo
 Ao teu mosteiro... Vamos... porque tardas?
 Vingada te-verás, verás punido
 O crime atroz de haver-te amado, e tanto!..

BRANCA.

Hugo...

HUGO.

Então em castigo de meus crimes
 Saciarás teus olhos na vingança,
 Vendo a minha agonia; e nesse transe,
 Com vingativo pé calca meus labios,

Labios, que tantas vezes, tão amantes,
Teu nome proferiam...

BRANCA.

Por piedade!..

HUGO.

Tu não a-tens de mim. Que amor votavas
Ao teu perdido, dedicado amante;
Si esse amor só sorria, e só brilhava
Ao sol sereno de bonanços dias,
E quando apenas n'horizonte assoma
Nuvem tempestuosa; esvae-se, some-se
Esse amor!.. e amava eu á uma ingrata!
Vae-te pois. Nunca amasté-me... sim, nunca.

BRANCA (*com gravidade*).

Enganas-te, cruel! amei-te... amava
Em ti á honra, e a candura, e a gloria!
Quem ama pois assim detesta os crimes!
Cégo, louco, imprudente, e furioso,
Violando a clausura, e a-profanando,
Sem Deos, sem lei, ao crime te-lançaste!
Vae-te; que nunca amaste-me! si amasseis
Detestáras o crime... E eu quizéra... (*enxugando os*
Quizéra não te-amar; porém não posso... olhos)
Amo-te a meu pezar! Como não tenho
Forças p'ra detestar-te; em mim detesto
O crime atroz, que ennegreceu tua alma!

HUGO.

Não detestes em ti crimes alheios...

BRANCA.

Sendo eu a causa, dentro de minha alma
Quem hade impôr silencio aos meus remorsos?

HUGO.

Os remorsos, sómente são p'ra o crime,

E quem crimes não tem, não tem remorsos.
 Si no meu pensamento um crime houverá;
 O crime é meu, que tu 'stás innocente!
 Não ha crimes senão na consciencia,
 Quando ella tem dormido sobre os crimes,
 Predisposto-os em si, e os-preparado,
 Pensado bem sobre elles, e previsto
 As suas consequencias, seus horrores!
 Sómente existe o crime no proposito
 De uma vontade atroz, que se não vence
 Por nobres sentimentos de justiça
 E pelas luzes da razão suprema!
 Os juizos do mundo te-apavoram,
 E de teu pae as maldições funestas?
 Porém á par de um Deos que vale o mundo?
 Que valem maldições de um pae injusto?
 Deos é em tudo justiceiro e sabio,
 Iniquas maldições jámais approva.

BRANCA.

Hugo, pintas um Deos, como o-desejas.

HUGO.

Pinto um Deos, como elle é; Deos de justiça.
 Por ventura suppões que Deos approve
 Do phanatismo anathemas terriveis?
 Que Deos as maldições de um pae confirme,
 Injustas maldições, que lhe-dictaram
 O capricho, a vingança? Pensas, Branca,
 Que Deos, como uma machina flexivel
 De nossos sentimentos, nossos odios,
 Exprima os nossos baixos sentimentos?!..
 Não, meu anjo do céo, teu pranto enxuga...
 Não receies, não temas; sê tranquillã...
 Nós seremos felizes, minha Branca.

BRANCA.

Felizes nós!..

HUGO.

Sem duvida o-seremos.
 Tranquillisa-te pois; que muito breve
 Este paiz p'ra sempre deixaremos;
 Este paiz aonde um tão máo genio,
 Ou antes um demonio dos infernos
 Enluctára p'ra nós dias tão bellos!
 Mas esses bellos, venturosos dias,
 N'outro clima distante desta terra,
 Tão cruel para nós, tão sem ventura.
 Para nós renascer já vão de novo!
 Um paiz mais propicio nos-espera.
 Deixemos para sempre embora a patria;
 Mas que importa, meu anjo, em qualquer parte
 Ao teu lado serei sempre ditoso!
 Em qualquer parte encontrarei encantos;
 Uma vez que á meu lado esteja Branca.

BRANCA.

E aonde um refugio encontraremos?

HUGO.

No fim do mundo; si só lá existem
 O amor, a virtude, e a piedade!
 Nas grutas, entre fêras; si entre os homens
 Não ha piedade, amor, nem ha virtudes!
 Partamos pois enfim, que muito breve
 Hade nos-ocultar a Lithuania;
 Lá Jagellão me espera; elle me-chama
 Agora mesmo á Troki; esse castello
 Pertence á Jagellão; é defendido
 Por uma guarnição de Teutonicos:
 Alli aos meus irmãos eu só commando;
 E entre estes soldados valerosos,
 Não tenho que temer ímpios decretos
 Do tribunal secreto, que ameaça
 Já de ha muito o meu peito com seu ferro.

BRANCA (*pondo-lhe a mão estendida sobre o peito, como querendo defendel-o.*)

Ah!

HUGO.

Não temas, minha alma, não receies . . .
 No entanto cumpre á ti mudar de habitos;
 Neste quarto visinho acharás promptos
 Os vestidos de pagem . . . ah! perdôa!
 Mais proprios elles são para o disfarce:
 Não te-demores mais: partir nos-cumpre (*dando-lhe a mão.*)

BRANCA (*dando-lhe a mão.*)

Oh meu Deos!

HUGO (*conduzindo-a.*)

Vamos, Branca em quanto é noute . . .

SCENA II.

HUGO *na porta do quarto, e o ESCUDEIRO entrando.*)

ESCUDEIRO.

Senhor, é bom que se aproveite o tempo:
 Partamos sem demora em quanto é noute.

HUGO (*vindo para o meio da scena.*)

Cumpriste as minhas ordens?

ESCUDEIRO.

Fielmente.

HUGO.

Observaste pois tudo?

ESCUDEIRO.

O quanto pude.

HUGO.

E então?

ESCUDEIRO.

Do mosteiro mal sahiste,

Logo Branca por falta alli foi dada.
 Partiu delle um criado a toda a pressa;
 Com cautela segui-o, e foi direito
 A' casa de Olarico: espero, espreito,
 Não sei que se-passou; mas muito pouco
 Demorou-se acolá. Vejo apressado
 Olarico sahir, e em pouco tempo
 Tudo era movimento: elle furioso
 Gritando, contra vós pede vingança.
 Para dar-lhe mais força, e mais audacia,
 E para mór perigo nesta empreza,
 Tenho ouvido dizer, creio que é certo,
 Que hoje a Marienburg chegado fôra
 Um filho de Olarico, moço, e bravo.
 E' preciso, senhor, termos cautela;
 Porque o moço guerreiro hade buscar-vos
 Para vingar seu pae, e á si vingar-se.

HUGO.

E que me-importa? por ventura o-temo?

ESCUDEIRO.

Elle não virá só... disse eu estou certo.

HUGO.

Pois que venha com os seus, que venha embora...
 No filho vingarei do pae a affronta.

ESCUDEIRO.

Porém assim comprometter a Branca?
 Vêde bem que fazeis... Senhor, por ella...

HUGO.

Tens razão. Apromptar vae meus cavallos.

ESCUDEIRO.

Promptos estão.

HUGO.

Pois bem: os outros partam,

Caminho á Troki; párem no castello
 De Kieystut, e ahi por mim esperem. . .
 Tu sabes bem o que ordenar lhes-deves. . .
 Manda-os: e vêm tu só p'ra acompanhar-me.

ESCUDEIRO (*sahindo*).

Apressae-vos, senhor; tudo está prompto.

SCENA III.

HUGO E BRANCA *vestida de pagem*.

HUGO (*dando-lhe a mão*).

Vamos, Branca?

BRANCA.

Oh meu Deos! dae-me constancia!

HUGO (*tomando-lhe a mão*).

Vamos. . .

BRANCA (*tremula.*)

Aonde? . . .

HUGO.

A' f'licidade. . .

SCENA IV.

HUGO, BRANCA E O CAVALLEIRO DO TRIBUNAL SECRETO.

(O cavalleiro entra com passo firme e vagaroso, com os braços cruzados sobre o peito, e de um modo insolito: este profere o seu—nunca—com voz medonha, e encosta-se silenciosamente á uma columna do salão).

O CAVALLEIRO.

Nunca.

BRANCA (*cheia de pavor.*)

Ai! . . (*occultando-se por detraz de Hugo.*)

HUGO (*avançando e pondo a mão na espada.*)

Quem és? donde vens? falla, responde?
E's nosso irmão? acaso és cavalleiro
Da Santa Fé? Que buscas? que procuras?
Que me-trazes?

O CAVALLEIRO (*sempre no mesmo tom.*)

O' Hugo, a tua morte.

BRANCA (*como fóra de si.*)

Oh!..

HUGO (*á parte.*)

Maldição! seguiram-me as pisadas!
A minha morte dizes tu? Tens visto... (*ao Cavalleiro*)
Cavalleiro, tens visto em parte alguma
Já a Pereira de Bodelsehwing?
Voltas do Cemiterio por ventura
De Sandkirchen?

(*O Cavalleiro deixa cahir os braços, e abaixa duas vezes a cabeça em signal de affirmacão. Hugo vae á uma roseira dos vasos tira uma rosa, e a-offerece ao Cavalleiro, dizendo*):

HUGO.

Responde uma vez inda:

Cavalleiro, tens visto em parte alguma
Já a Pereira de Bodelsehwing?
Voltas do Cemiterio por ventura
De Sandkirchen?

(*O Cavalleiro recebe a rosa, ergue levemente a viseira, que tem sempre cerrada, chega a rosa ao peito, a-beija, e a-dá á Hugo: este estremece e recúa, como espantado: e depois com voz interrompida diz*):

HUGO.

E's rico, Cavalleiro?
Onde estão teus irmãos? tens tu familia?

O CAVALLEIRO.

Uma peça de ouro, e tres medidas
 De azeite constituem minhas riquezas.
 De meu irmão gravada tenho a imagem
 Na minha espada; na sinistra um ramo
 De roseira; e na dextra um punhal banha
 Em sangue. Ouve pois: minha familia
 E' a terra vermelha, a Westphalia (*pausa*).
 Hugo, estás satisfeito? Não respondes?
 Agora mc-conheces? Ouve attento;
 Da sentença as palavras são mui breves:
 — Hugo deve morrer incontinentemente —
 Para perante Deos te-arrependeres,
 Dispõe de um quarto d'hora; as duas horas,
 Hugo, deves morrer. A' ti mais nada.
 E tu, que te-tornaste criminosa;
 Desamparando teu asylo santo.
 Que desprezaste as vestes religiosas
 Pelos vestidos vis de humilde pagem,
 Voltarás outra vez para o mosteiro...
 Sim, de novo entrarás nessa clausura,
 Aonde, desgraçada, já te-esperam
 A infamia, a vergonha, e o teu castigo...

(*O Cavalleiro sahe com a mesma gravidade, e passo
 com que entrára. Segue-se um medonho silencio.
 Branca está como getada de terror; Hugo immovel
 fica com os olhos pregados na porta por onde o Ca-
 valleiro sahiu.*)

SCENA V.

HUGO E BRANCA.

HUGO (*á parte.*)

Que!.. deixar-me matar sem defender-me?!
 Sem ao menos oppôr por minha vida
 A menor resistencia!.. é impossivel!
 Não; eu não morrerei. (*com resolução*).

BRANCA (*como sahindo de um profundo lethargo.*)

Hugo, e agora?

HUGO (*enternecido.*)

Oh!..

BRANCA (*com altiveza.*)

Quem pelo presente me-responde?

HUGO (*com confiança.*)

O presente inda hontem foi futuro!
 Hontem, que era presente eu respondia,
 Hoje, que era futuro, Deos responde.
 Inda não stou perdido; inda me-restam
 Um coração, um braço, e uma espada.
 Sim, inda existe um Deos, um Deos, que zomba
 Dos caprichos da terra! E' um perjurio
 Defender minha vida, e disputal-a
 A' quem m'a-quer roubar por leis iniquas!
 Oh! não: da natureza a lei primeira
 E' a conservação da propria vida:
 Eu morrerei; mas quero defendel-a;
 Quero lhes-disputar á todo o transe
 O natural direito da existencia.
 Ao menos venderei a minha vida
 Por um rio de sangue! A minha morte
 Será de algumas mortes precedida!
 Covardes... miseraveis, que receiam
 O juizo de Deos! Oh! dêm-me campo,
 E n'um duello se-decida o pleito.
 Cumpre-me pesquisar estes lugares
 Branca... Branca, não temas; eu já volto.

SCENA VI.

BRANCA (*levantando a cabeça, e olhando em roda de si.*)

Onde está elle? aonde? onde occultou-se?
 Que horrivel voz! que aspecto formidavel!

Como que a terra projectára ao longe
 As tampas dos sepulcros, e si os mortos
 Fallassem n'uma voz medonha e rouca,
 Tal era desse monstro a voz hedionda!
 Um gigante assombroso! um ar terrivel!
 Envolto todo em ferro o corpo enorme!
 Negro, ainda mais negro do que o inferno!
 Mais feio, mais sombrio que um demonio!
 Seus accents medonhos retumbaram
 Neste salão funesto! Inda murmura
 O écho ameaçador por estes tectos. . .
 Echo de morte. — Eu quero a tua morte!—
 Hugo empallideceu, tremeu de susto!
 — E tu . . . que te-tornaste criminosa,
 Voltarás p'ra o mosteiro, onde te-esperam
 A infamia, a vergonha, e o teu castigo. . .—
 Está patente ao mundo o meu delicto! . . .
 E comtudo o meu crime, ó Deos, não passa
 De um extremoso amor! Eu nem sei como
 Me-achei neste lugar. . . Ha poucas horas. . .
 Ha poucas horas, não: ha hora e meia
 Trovejava. Hugo ardendo em seus furores
 Me-pedia, é verdade, que o-seguisse;
 Eu dizia que não, elle teimava:
 Eis na voz do trovão o céu se-explica,
 Bate um raio, e de nada mais eu soube,
 Nem soube mais de mim. . . Qual é meu crime? . . .
 Mas Hugo. . . de meu crime o auctor é elle!
 Hugo só. . . muito embora. . . embora seja. . .

SCENA VII.

BRANCA E HUGO (*entrando horrorizado.*)HUGO (*á parte.*)

Por toda a parte tudo está cercado
 Por esses vis do tribunal sanguineo!
 Não é possível já tentar-se a fuga. . .

BRANCA.

Hugo, que dizes? . . Hugo, tu vacillas?

HUGO (*como preocupado do que viu*).

Oh! como que as estatuas deste páteo
 Se-animassem a um tempo, e me-filhassem
 Olhos espreitadores, vigilantes,
 Assim era a caterva sanguinaria
 Desses sicarios vis, desses algozes,
 Que sedentos de sangue, e de vingança,
 Para a sêde apagar meu sangue buscam!
 Cercam por toda a parte este castello,
 Tomando as avenidas. . .

BRANCA.

Hugo, tremes?

HUGO.

Não por mim; mas por ti; por ti só tremo.
 Que importa acommettel-os todos juntos?
 Que importava o morrer, si t'eu salvasse?
 Porém morrer! deixar-te assim entregue
 Ao capricho, á vingança, ao desespero?!
 Oh! porque sobre o campo da batalha
 Popou-me a vida o ferro do inimigo! . .
 Não temo a morte, não. . . Branca, só temo (*com ternura*)
 As tuas maldições. . .

BRANCA (*com enthusiasmo*.)

Hugo. . . que dizes?

HUGO.

Por ti. . .

BRANCA (*enxugando as lagrimas*.)

O' Hugo. . . e morrerás tão moço?

HUGO.

Oh! pudesse eu salvar-te neste instante...
E ao depois que importava a minha morte...

BRANCA (*com emphase.*)

Mas á mim só importa a tua vida!

HUGO.

Era por ti sómente que eu a-amava!
Sim; e que me-importava o morrer hontem?
Porém hoje morrer: quando és já minha?
Porém... quem sabe? do combate o exito
Deos já tem predisposto, e Deos só sabe.
E pois não desanimes; vou armar-me,
E parto a pelejar... ou Branca, ou morte!
Esta capa aqui deixo; embaraçar-me (*tira a capa.*)
Poderá no conflicto do combate.
Esta espada tambem, que é muito fraca, (*tira a espada*)
Mal assenta nas mãos de um cavalleiro:
E este morrião debil, e fragil (*tira o capacete.*)
Os golpes do inimigo não sustenta.
Ouve, meu coração; toma, recebe
Esta cruz para ti: trazido-a sempre (*dando-lhe a cruz*
Tenho no meu pescoço. Si a desgraça *da ordem teu-*
Permittir que eu acabe pelejando, *tonica, que traz*
Servirá esta cruz p'ra recordar-te *ao pescoço*)
Do miserando, do amante Hugo...
Nesta visinha sala eu vou armar-me.
Branca, te-oculta alli e em Deos espera. (*apontando*
para uma porta.)
(*Hugo tomá a capa, que tirou, a espada e o capacete,*
e quer sahir.)

BRANCA (*tomando os mesmos objectos.*)

Dá, em quanto combates, que eu me-abrace
Com este elmo, esta capa, e esta espada...

HUGO.

Oh meu Deos! (*á parte*) Aqui tens... aqui tens, Branca.
*(dando tudo a Branca, e desviando o rosto della para
 que a mesma lhe não veja as lagrimas.)*
 Adeos...

BRANCA (*com ternura.*)Espera... (*pondo os objectos sobre um parapeito.*)HUGO (*voltando-se com muita ternura.*)

Que me-quieres, Branca?

*(Branca chega-se a elle, contempla-o, limpa as lagrimas,
 depois abraça-o, e o-empurra suavemente dizendo:*

BRANCA.

Vac... e Deos abençõe o teu empenho...

SCENA VIII.

*(Branca tendo tomado os objectos, que depozera sobre o
 parapeito, finje ir lentamente para a sala, que Hugo
 lhe-apontára; Entretanto Hugo partindo precipita-
 damente, desaparece por outra porta, e Branca
 volta para scena, e torua a pôr os objectos no mesmo
 lugar.)*

BRANCA (*só.*)

Hontem, sendo da tarde duas horas
 Meus votos proferi sobre os altares!
 Ha quasi doze horas que padeço!
 E nestas doze horas, que mudanças
 Meu triste coração não tem soffrido!
 Oh! que em cada minuto destas horas
 Eu tenho padecido uma amargura,
 Uma dôr, um tormento, uma desgraça!
 Pois bem: tudo se-acabe; e Deos se applaque!
 Cavalleiro cruel, homem de ferro,
 Tu és ministro das celestes iras,
 E' mandado dos Céos tu vens punir-me!
 Meu Deos, si voluntaria em teus altares

Branca o seu coração não te-off'recêra,
 Espontanea te-off'rece neste instante
 O seu sangue, ó meu Deos, e a sua vida!
 O seu sangue te-applaque: uma só victima
 Te-contente, Senhor, e salva a Hugo!
 Meu Deos, tu sabes bem dos meus peccados; (*de joe-*
O meu corpo os-expie; e á minha alma lhos orando)
 Tua eterna justiça não envolva.

(*Branca, um tanto tremula, põe ao pescoço a cruz, que de Hugo recebêra; cinje a espada, tira o barrete com que está coberta, lança-o para longe de si, põe na cabeça o capacete de Hugo, cerra a viseira, occulta bem os cabellos, lança aos hombros o manto, e envolve-se bem nelle; depois encosta-se á uma columna. Apenas Branca se-tem encostado ouve-se tocar ao longe duas horas. Note-se que esta scena muda, de Branca se-disfarçar, para ficar em lugar de Hugo, pôde ser neste lugar, ou antes da falla de Branca, que precedeu a esta scena; com tanto que sendo antes da falla, logo que ella proferir o ultimo verso—: Tua eterna justiça etc., deve-se encostar á columna do modo dito; e tocam então duas horas.*)

BRANCA (*encostada á columna e estremecendo.*)

Eis a hora! Oh meu Deos! findou-se o prazo!..

SCENA IX.

BRANCA E O CAVALLEIRO (*com um punhal na mão.*)

O CAVALLEIRO (*chegando-se para Branca.*)

Então, Hugo, estás prompto?.. Não respondes?..
 Hugo, não fallas?.. Desgraçado, morre (*cravando o*
E Deos se-compadeça de tua alma. punhal no peito de
Branca.)

(*O Cavalleiro, deixando o punhal na ferida, retira-se, sem voltar o rosto para atraz. Branca leva a mão á ferida, murmura um ai, cahê e expira.*)

SCENA X.

BRANCA *cahida e expirando*, E O ESCUDEIRO *entrando*.

BRANCA.

Ai... (*morre*).

ESCUDEIRO (*horrorisado*.)

Morto!!! Grande Deos! Será possível!

(*O Escudeiro diz correndo para o corpo de Branca.*)

FIM DO QUARTO ACTO.



ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

(A mesma sala do 4.º acto. O intervallo do 4.º acto ao 5.º foi de nove horas e quarenta e tantos minutos; faltam por tanto menos de vinte minutos para o meio dia, o começar ao 5.º acto.)

HUGO E O ESCUDEIRO.

(Hugo está armado, tem contudo a viseira levantada: seus passos são incertos, todos os seus modos desequaes; ha nelle todos os signaes de um homem completamente louco.)

HUGO (com furor.)

Agora estou armado... quem se-atreve
A vir lutar comigo corpo á corpo!
Vendo passar no chão do abutre a sombra (*assenta-se*)
Extremece de mêdo a inerme rôla;
Treme a serpente si do sol abate
Sobre ella a aguia o magestoso vôo!
Treme de susto o tímido cordeiro
Si vê chegar-se ao aprisco o voraz lobo!
Si com fome o leão nos bosques ruge,
Quanto o rugir lhe-ouviu treme de susto!
O' vós, que rôlas sois, mas só no medo,
Tremei... que sobre vós serei abutre! (*pausa.*)
Mas vós rolas não sois, não sois cordeiros...
Sois astutas serpentes venenosas,
Mais venenosas que aspide mortifera!
Serpentes... sobre vós a raiva minha (*erguendo-se com*
Aguia terrivel vae despedaçar-vos... *furor.*)
Esconde-te acolá... aqui eu fico...
Eu os-espere aqui... aqui, eu unico,
Um a um os-verás matar a todos!...
Sê alerta... vigia-os com cuidado...
Assim que elles entrarem, tu me-avisa. (*assenta-se.*)

ESCUDEIRO.

Oh! como é duro vê-lo em tal estado!
 Como o tirar d'aqui? não quer seguir-me...
 De nada do passado se-recorda...
 Qual pois será o fim de tantos males!

HUGO.

Como o céu stá sereno, e o ar stá puro!
 Como o rio suave e mansamente
 Seus brilhantes crystaes sorrindo empurra
 Per entre alvos seixinhos serpeando!
 Apenas suspirando se-estremece
 Pelo meio das ondas de verduras
 Do meio dia á melindrosa aragem,
 Que geme, ou que suspira docemente,
 Como de terno amante a voz maviosa!
 Com que grato perfume ao ar incensam
 Estas risonhas, engraçadas flôres!
 Oh natureza! como os teus encantos
 Fallam por boccas mil a um peito amante!
 O céu, o ar, o valle, o monte, os bosques,
 O rio a brisa, e as suaves flôres,
 Tudo falla de amor e diz ao homem:
 Amae, e sêde amado... amor é tudo! ...
 Acaso tu não amas? tu não amas? (ao Escudeiro.)

ESCUDEIRO.

Não, senhor...

HUGO.

Tu não amas?.. Miseravel!
 Não amas?! Desgraçado quem não ama!
 Infeliz! nunca ouviste um só suspiro!
 Nunca sentiste um halito impellido
 De um peito amante vir despedaçar-se
 De encontro ao peito teu de amor ardendo!
 Tu nunca viste uns olhos amorosos
 Com avidez buscarem tua sombra!

Nunca viste uns ouvidos assustados
 De teus passos os sons buscando em tudo!
 Nunca chegaste ao peito, em terno abraço
 Uma mulher, uma belleza, um anjo...
 Sentindo o coração bater tão forte
 Como querendo se-escapar do peito!
 Amor... Tu nunca amaste? Nunca amaste?

ESCUDEIRO.

Não, senhor.

HUGO.

Nunca amaste!.. Ambicioso!..
 Peito de bronze, coração de ferrol
 Que vieste fazer pois neste mundo?
 Que sabes tu da vida? acaso vives?
 Sem amor não ha vida; antes pesada
 Existencia de ferro os dias enche... (pausa.)
 As armas... os guerreiros... os combates...
 Oh! como tudo é branco... tudo é branco...

ESCUDEIRO.

Senhor, porque não repousaes um pouco?

HUGO.

Que frio! tenho frio... muito frio... (pausa)
 O' feliz Jagellão, tu podes tudo!
 E's guerreiro, és valente, heroe completo!
 Tens além disto quanto a natureza
 Para as glorias de amor liberalisa!
 E's formoso, és gentil... tremem de susto
 Os inimigos teus, si ouvem teu nome!
 A tão formosa, a candida Hedwige
 Ama sómente a ti... já nem se-lembra
 Que houve um gentil Guilherme, que outro tempo
 Teve em seu joven coração imperio!
 E tu não és feliz? não... treme, treme!
 Dalewick feroz, lingua do inferno
 Sobre os teus dias, sobre os teus amores

Vomitou do ciúme o fel amargo!..
 Ai de mim! também amo... também amo...
 Tão longe, tão distante de seus olhos,
 Que terras infinitas nos-separam!..
 Quem sabe si já prêsa em novos laços
 Protesta a outro amante mais ditoso
 A fé, que me-jurou guardar sem mancha!
 Ai de mim! também amo... também amo...
 Tão longe... tão ausente!.. Ah, não! deixemos
 Estes campos funestos, estas armas...
 E' tempo já de a-vêr!.. Oh! sufloquemos
 Em os nossos abraços amorosos
 A saudade, que amarga me-devora! (*assenta-se.*)

ESCUDEIRO.

Senhor: não é melhor que para sempre
 Deixemos esta habitação tão triste?

HUGO.

Vamos, sim: vae dispôr nossa partida.
 Tenho tantas saudades... quero vê-la...
 Que prazer não terá quando avistar-me!.. (*pausa.*)

(*Cantando.*)

Deixae, guerreiros, passar
 Cavalleiro lidador;
 Elle volta á sua patria,
 A procurar seu amor.
 E' a flôr mais engraçada,
 Que em seus jardins tem Amor;
 Mais bella que a rosa branca,
 E' branca o nome da flôr.

Si é morta, dae-lhe uma lagrima,
 Si é viva, dae-lhe valor,
 Si é minha, bemdita seja,
 Si é d'outrem, morra de horror!

E' a flôr mais engraçada,
 Que em seus jardins tem Amor ;
 Mais bella que a rosa branca,
 E' Branca o nome da flôr!

Espera... espera aqui... aqui já volto. (*sahé precipi-
 tadamente.*)

SCENA II.

ESCUDEIRO (*só.*)

E quem poderá vê-lo em tal estado,
 Sem se-compadecer desta desgraça !
 Onde isto irá parar? nem sei que faça !
 A generosa Branca, voluntaria
 Se-quiz sacrificar por seu amante ;
 Porém todo o seu sangue derramado
 Não póde salvar Hugo, e nem livral-o
 Do vingativo tribunal secreto :
 O cavalleiro da feroz sentença
 Tyranno executor, mal fôr sciente
 Que por engano a Branca assassinára,
 E que Hugo vive impune, sem demora
 Virá cumprir de novo atroz sentença :
 Que farei pois em tão funesto lance!
 Aqui desamparal-o? nunca, nunca.
 Oh castigo do céo, castigo prompto!
 Hontem audaz, altivo e furioso
 Desafiava o mundo, e o proprio inferno!
 Violou a clausura! . . e da clausura
 Roubou essa, que a Deos já pertencia!
 E ella já não vive! Quam depressa
 Deos a-puniu! Morreu: ao menos ella
 Descançou deste mundo de miserias!
 Deos lhe-perdôe, e sua Santa Gloria
 O seu descanso eternamente seja!
 Ao menos descansou. . . Ah! soffreu tanto!..
 Mas Hugo, si soffreu, mais inda soffre!
 Que castigo! Oh meu Deos, compadecei-vos!..
 (*querendo sahir.*)

SCENA III.

O ESCUDEIRO E O CAVALLEIRO DO TRIBUNAL SECRETO.

O CAVALLEIRO.

Espera. Quem és tu?

O ESCUDEIRO.

Eu?

O CAVALLEIRO.

Sim; tu mesmo...

O ESCUDEIRO.

O Escudeiro...

O CAVALTEIRO.

De quem?

O ESCUDEIRO.

De Hugo...

O CAVALLEIRO.

Pois ouve.

Duas graves matronas virtuosas,
 Escoltadas por nobres cavalleiros
 Para levarem Branca ao seu mosteiro
 Neste páteo visinho se-acham prestes.
 Mais demora é escandalo. De sobra
 Se-tem neste castello demorado;
 Parte pois: vae dizer-lhe que a-esperamos.

O ESCUDEIRO.

Branca... Senhor...

O CAVALLEIRO.

Sim, Branca... Então vacillas!...

O ESCUDEIRO.

Eu me-yi aqui só desamparado
De Deos, dos homens, e até de Hugo...
Hugo, que só de humano tem a fôrma,
Sem idéa, razão, sem consciencia...

O CAVALLEIRO.

Que dizes?

O ESCUDEIRO.

A verdade, a só verdade.

O CAVALLEIRO.

Que dizes tu de Hugo! homem, que dizes
De idéa, de razão, de consciencia?..

O ESCUDEIRO.

A verdade, senhor.

O CAVALLEIRO.

Pois Hugo vive?

O ESCUDEIRO (*d' parte.*)

Como lhe-heide negar? como salvá-o?

O CAVALLEIRO.

Então, não fallas?

O ESCUDEIRO.

Arriscado lance!..

O CAVALLEIRO (*pondo a mão na espada.*)

Então, homem: não vês-me impaciente?
Falla, ou com esta espada neste instante
Te-arrancarei da boca a lingua inútil.

O ESCUDEIRO (*com gravidade.*)

Si meu amo, senhor, não estivera,

Ou eu tivesse de o-salvar esp'ranças,
 Por um meio qualquer, que achar podesse,
 Nem o vosso furor, nem vossa espada
 Me-fariam tremer neste momento.
 No meio dos combates com meu amo
 Vi muitos cavalleiros, muitas armas,
 Sem delles eu fugir, sem tremer dellas!
 Nos campos aprendi a vêr a morte,
 E sem que de meu rosto a côr perdesse:
 Nem um fraco escudeiro Hugo soffrêra...
 Vêde que estais armado, eu stou sem armas,
 Nem é de cavalleiro assim ferir-me...
 A verdade direi, não por temer-vos;
 Nunca menti; e agora uma mentira
 Salvar não pôde a Hugo...

O CAVALLEIRO.

Hugo, pois, vive?!

O ESCUDEIRO.

Hugo vive; porém perdeu o senso.

O CAVALLEIRO.

Hugo vive! mas como isso é possível!
 Do tribunal secreto o emissario
 Não veio executar nelle a sentença?
 Hugo não expirou pois a seus golpes?!

O ESCUDEIRO.

Não expirou, senhor. Pelo que penso,
 Pelo que vi depois, o nobre Hugo
 Não quiz deixar matar-se impunemente;
 Tirou as fracas armas, que trazia
 Para outras tomar mais dignas delle:
 Branca com suas armas disfarçou-se,
 E generosa fez de sua vida
 Um sacrificio á Hugo. O Cavalleiro
 Tomando então por Hugo a infeliz Branca,

No brando peito lhe-deixou seu ferro.
Assim pois acabou a triste....

O CAVALLEIRO .

Basta...

Horrivel narração ! funesto acaso !
O' minha irmã, fui eu teu assassino !
Oh desgraçado amor ! paixão funesta !
Em sangue de mulher manchei meu braço !
Oh infamia ! oh vergonha ! oh caso horrendo !
Oh paes desnaturados, paes tyrannos,
Dos corações dos filhos só flagellos !
Eis aqui vossa obra ! a infeliz filha
Por desesperação se-lança ao crime,
E acaba no crime ! ó triste filho,
Que ama a virtude, um fratricidio o-mancha !
Oh justiça do céo ! justiça eterna !
Oh justiça do céo, stás satisfeita !
Paternal ambição, stás bem punida ! . . .
Oh Hugo : onde está Hugo ? . . . onde está elle ?

O ESCUDEIRO .

Si o-visseis, compaixão delle terieis . . .
Hugo a razão perdeu; já não é homem . . .

O CAVALLEIRO .

Viu morta a sua amada, e não vingou-a . . .

O ESCUDEIRO .

Hugo, senhor, é bravo, é cavalleiro . . .
Prompto p'ra combater, coberto d'armas
Procura o contendor, que traz-lhe a morte;
Vê Branca morta, envolta no seu manto,
Solta um grito, recúa, cahe sem tino.
Torna á si, ao depois de alguns minutos,
E como um louco ás gargalhardas entra.
Desde então nada mais diz com acerto ;
Divaga sem-cessar por estas salas,

Onde a mente mil cousas lhe-afigura
 Todas sem nexo, todas sem arranjo!
 Ora se-crê com Branca desposado,
 Ora que nupciaes vestes trajando
 Vae ao templo com Branca desposar-se.
 As vezes crê que Branca em nuvem d'ouro
 Vae se-elevando ao céo cercada d'anjos!
 Agora se-figura ao lado della,
 Logo perdida para sempre a crendo,
 Suspira tristemente, geme, e chora!
 Falla em armas, pelejas, e victorias,
 Em Jagellão, exercitos e Tartaros,
 Mistura cousas mil, confunde tudo;
 De nada do passado bem se-lembra,
 Nem consciencia tem de seu presente. . .
 Eis qual é seu estado; e nem sei d'outro
 Que mais a compaixão mover mereça ! . .

O CAVALLEIRO (*à parte.*)

Desgraçado! . . Comtudo, existe impune
 E quer o tribunal ser satisfeito. . .
 Vou levar ás matronas esta nova. . .
 É o corpo da infeliz? que has feito delle?

O ESCUDEIRO.

Alli, n'aquella cam'ra está guardado. (*mostrando uma camara.*)
 Agora permitti que eu busque a Hugo.
 Si ora o-desamparasse um monstro eu fôra:
 O pouco, que viver, servil-o quero. (*vae-se; começa a trovejar
 longe.*)

SCENA IV.

O CAVALLEIRO (*só.*)

O' funesta ambição, stás castigada!
 Castigados estais vãos preconceitos!
 E's justo, ó grande Deos, nos teus decretos!
 Que co'a morte da filha o pae puniste!

SCENA V.

HUGO (*dentro.*)

Não quero... não... não quero... hei de matar-te...
 Debalde tu me-fojes... nem o inferno,
 Nem o inferno salvar-te agora póde...

(*Sahindo com a espada na mão, evolvendo toda a*
 Morrerás... morrerás... debalde fojes... *scena.*)
 Morrerás... morrerás... fugiu... fugiu-me...

SCENA VI.

HUGO E O ESCUDEIRO.

HUGO (*ao Escudeiro, e do mesmo modo.*)

Fugiu... fugiu... fugiu... porém espera...
 Elle hade vir... Oh minha boa espada...
 Oh minha inseparavel companheira...
 Descancemos aqui... quando elle venha...
 Quando elle venha... então... então... Silencio (*assenta-se. Pausa.*)
 Oh como a natureza está tão bella! (*calmo.*)
 Que aragem docemente aqui sussurra!
 Como o céu stá sereno, e o ar tão puro!
 Como do sol os raios tão brilhantes
 Esmaltam as verduras destes campos!..

O ESCUDEIRO. ¶

Senhor... não é melhor d'aqui sahirmos?

HUGO.

Sim, vamos; sem demora: vamos... vam os...
 Que horas serão?

O ESCUDEIRO.

E' quasi meio-dia.

HUGO.

E' quasi meio-dia!.. Oh! elle chega...

Desta vez não me-escapa... não me-escapa... (*levantando-se mansamente.*)

Anda, que desta vez hei agarrar-te... (*correndo como para prender alguém.*)

Fujiu... fujiu... metteu-se nesta camara... (*sacodindo a porta da camara onde o Escudeiro dicéra estar o corpo de Branca.*)

Nesta cam'ra... esta porta... abre esta porta...

Abre esta porta... vem...

O ESCUDEIRO.

Não tenho a chave...

Desta porta, senhor...

HUGO.

Pois arrombemol-a (*empurrando a porta com os hombros.*)

O ESCUDEIRO.

Oh meu Deos! alli stá de Branca o corpo...

Que farei (*á parte.*) Esperai, senhor... a chave...

HUGO.

A chave... a chave, sim (*sóa um grande trovão*) Oh! não ouviste?

O ESCUDEIRO.

Sim, senhor... um trovão!

HUGO.

Oh! eu me-lembro!

Um trovão!.. eu me-lembro... sim... espera...
Trovejava... eu me-lembro... trovejava...

O ESCUDEIRO.

Sim, senhor, trovejava...

HUGO.

No mosteiro...

O ESCUDEIRO.

No mosteiro... esta noute...

HUGO.

Espera... espera...

O' meu Deos, animai minhas lembranças... (outro grande trovão)

Um trovão... um trovão... eu me-recordo...

— *Hugo, vê como o céu se-despedaça!..*

Eu stava no mosteiro... e Branca... Branca...

— *Hugo... o meu juramento... —Foi forçado...*

— *Excommungada morrerás no crime...*

Oh! eu me-lembro... eu stava no mosteiro...

— *Horrorisada toda a natureza...*

— *Nos annuncia a cólera celeste...*

Era Branca... eu me-lembro... e me-bradava:

— *Teme o furor do céu, que te-ameaça!..*

— *Maldição... pois até a tempestade!..*

Eu me-lembro... — *Que horror!.. Cala, blasphemo...*

— *Deos nos-vê... Deos escuta... Deos ameaça...*

Oh sim!.. eu me-recordo... — *Branca... vamos...*

— *Eu não posso deixar estes lugares... (grande trovão)*

— *Olha o templo, que treme! e Deos que ameaça!..*

(*A' uma grande distancia começa a tocar meio-dia. Hugo presta a mesma attenção, que na cella de Branca quando tocava meia-noute; e depois d'ultima picada, diz:)*

— *Doze! ouves este som?.. —E' meia-noute...*

— *E' meia-noute... a hora dos demonios...*

SCENA VII.

HUGO (*morto*), O ESCUDEIRO, E OS EMISSARIOS DO
TRIBUNAL SECRETO.

O CAVALLEIRO (*recuando ante o corpo de Hugo.*)
Morto!!!

O ESCUDEIRO.

Morto, senhor...

O CAVALLEIRO.

O céo é justo.

